

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Thiago Henrique Muniz Morilha

“Entre eles”: pedagogias de masculinidades em rede por meio das mídias digitais

Paranaíba-MS
2023

Thiago Henrique Muniz Morilha

“Entre eles”: pedagogias de masculinidades em rede por meio das mídias digitais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação, Área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Juliana do Prado

Paranaíba-MS
2023

M849e Morilha, Thiago Henrique Muniz
"Entre eles": pedagogias de masculinidades em rede por meio das mídias digitais/ Thiago Henrique Muniz Morilha. Paranaíba, MS: UEMS, 2023.
156f.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Unidade Universitária de Paranaíba.
Orientador(a): Profa Dra Juliana do Prado.
1. Mídias digitais. 2. Masculinidades. 3. Educação . 4. Gênero e Sexualidade. I. Morilha, Thiago Henrique Muniz. II. Título.

CDD 23ed. – 370.11

THIAGO HENRIQUE MUNIZ MORILHA

“Entre eles”: pedagogias de masculinidades em rede por meio das mídias digitais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em 03/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana do Prado
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientadora – Participação
por videoconferência

Prof. Dr. José Antônio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Participação por
videoconferência

Prof. Dr. Tiago Duque
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Participação por
videoconferência

À minha esposa Adriana, pelo amor, acolhimento e todo o suporte que me ofertou permitindo que fosse possível realizar o sonho de concluir o Mestrado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por possibilitar as condições necessárias de acessos que me permitiram concluir o curso de Mestrado em Educação.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por proporcionar um curso tão relevante, promover acesso à educação e à pesquisa, formando pessoas conscientes e críticas da realidade social.

À minha orientadora Prof.^a Dra. Juliana do Prado, pela paciência e dedicação em me orientar num campo novo de conhecimento para mim, pelo suporte dado, pelo conhecimento compartilhado, e mais do que isso, por caminhar junto nessa trajetória da pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UEMS que participaram desse meu percurso, compartilharam suas experiências e seus conhecimentos, e me fizeram crescer como pessoa e como profissional.

À minha esposa Adriana, que acreditou nos meus sonhos, incentivou-me a cursar o Mestrado, esteve ao meu lado e proporcionou todo o entorno que foi preciso para realizar esta pesquisa e o curso; foi paciente e compreensiva na minha ausência e nos momentos que precisei dedicar-me às aulas, às leituras, e à escrita.

À minha família, que me proporcionou a educação de base, incentivou e contribuiu com a minha graduação em Psicologia e me acompanhou no percurso até chegar ao Mestrado.

Aos meus amigos, que nos momentos de dificuldades, durante o curso e a pesquisa, emprestaram seus ouvidos, sua empatia e foram capazes de ofertar acolhimento às minhas angústias.

À minha amiga Ana Maria, que além de acolher minhas ansiedades, por inúmeras vezes, leu a minha pesquisa, compartilhou sua compreensão, discutiu o tema e me ajudou a pensar sobre ele.

O trabalho intelectual é uma maneira de se conectar com as pessoas, de fazer parte de uma conversa em andamento. Os intelectuais não marcam o caminho nem são essenciais. Penso que a reflexão teórica faz parte de toda boa política.

Judith Butler

MORILHA, Thiago Henrique Muniz. “*Entre eles*”: pedagogias de masculinidades em rede por meio das mídias digitais. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2023.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais da pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “Educação, Linguagem e Cultura”. O objeto de estudo dessa pesquisa foi os usos das mídias digitais como construção de conteúdos sobre masculinidades para homens, por isso utilizei como recorte o conteúdo da plataforma *Entre eles*. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi analisar como as mídias digitais têm auxiliado na construção de discursos sobre masculinidades. Assim, para a realização deste estudo, a metodologia utilizada foi a imersão oculta nas mídias do *Entre eles* a partir dos seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica de caráter exploratório para referenciar as temáticas de gênero, sexualidade e mídias digitais, e posterior análise das *lives* referentes a essa plataforma. Por meio dos resultados encontrados, pude sintetizar que, na atualidade, as mídias digitais têm ganhado contorno significativo na construção de subjetividades, visto que seus usos são para resolver questões do cotidiano, relacionar-se com outras pessoas e também para disseminação da cultura atual. Desse modo, os conteúdos encontrados no *Entre eles* indicaram que os discursos de masculinidades presentes envolvem conceitos de masculinidade saudável, sexualidade positiva, broderagem saudável e a pedagogia do prazer a dois, o que permitiu analisar as pedagogias e currículos implicados na plataforma, os conceitos de autoajuda em gênero e sexualidade, as características das subjetividades empreendedoras, masculinidades hegemônicas e subalternas, homossocialidades, empreendedorismo moral, relações de gênero e paternidade.

Palavras-chave: Mídias digitais. Masculinidades. Educação. Gênero e Sexualidade.

MORILHA, Thiago Henrique Muniz. “Entre eles”: *pedagogias de masculinidades em rede por meio das mídias digitais*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2023.

ABSTRACT

In this dissertation, the final results of the Master's in Education research developed with the Graduate Program in Education at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, in the line of research "Education, Language and Culture". The object of study of this research is the use of digital media as the construction of content about masculinities for men, for this I use the content of the platform Among them as a clipping. The objective of this work is to analyze how digital media have helped in the construction of discourses about masculinities. The methodology used is hidden immersion in the Entre Eles media, through the following procedures: exploratory bibliographical research to reference the themes of gender, sexuality and digital media, and subsequent analysis of the lives referring to this platform. Through the results found, it can be summarized that nowadays digital media have gained a significant contour in the construction of subjectivities, since their uses are to solve everyday issues, relate to other people, and also to disseminate current culture. The contents found in Among them indicate that the discourses of masculinities present involve concepts of healthy masculinity, positive sexuality, healthy brotherhood and the pedagogy of pleasure for two, which allowed analyzing the pedagogies and curricula implied in the platform, the concepts of self-help in gender and sexuality, the characteristics of entrepreneurial subjectivities, hegemonic and subordinate masculinities, homosocialities, moral entrepreneurship, gender relations and paternity.

Keywords: Digital media. Masculinities. Education. Gender and Sexuality.

ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Figura 1: Imagem retirada da home page do *Entre eles*46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 MÍDIAS DIGITAIS E MASCULINIDADES	20
1.1 Mídias digitais e o contexto cultural.....	20
1.2 Discursos de masculinidades: das mídias impressas às mídias digitais.....	22
1.3 Masculinidades e os usos sociais das mídias digitais.....	24
2 UM PERCURSO TEÓRICO DOS ESTUDOS DE MASCULINIDADES PARA ABORDAGEM DO CAMPO DE PESQUISA	31
2.1 A teoria social de masculinidades	32
3 “ENTRE ELES”: O DISCURSO DA MASCULINIDADE SAUDÁVEL	37
3.1 Mídias digitais do Entre eles.....	43
3.1.1 O site	43
3.1.2 Facebook.....	47
3.1.3 Instagram.....	48
3.1.4 Youtube.....	48
3.1.5 Grupo de WhatsApp.....	49
3.2 Autoajuda em gênero e sexualidade.....	50
3.3 O autorrelato de Lucas Ribeiro e as características da subjetividade empreendedora.....	52
3.4 Pedagogias e currículos de masculinidade saudável.....	57
3.5 O hegemônico e o subalterno no “Entre eles”	69
4 RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E PATERNIDADE	75
4.1 Pedagogias e currículos das relações de gênero.....	75
4.2 Paternidade e sexualidade.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

Definição do objeto, delimitação e objetivo

O interesse pelo estudo sobre a construção das masculinidades surgiu em decorrência da minha trajetória profissional, já que minha formação em Psicologia me colocou em contato com discursos de subjetividades que representavam conflitos entre os interesses dos sujeitos e o contexto social. Há oito anos atuando com a Psicologia Social tive contato com muitas famílias que vivenciaram a problemática da violência contra a mulher. Associado a essas violências, sempre surgia o discurso de que o agressor tinha uma masculinidade tóxica.

Nos últimos anos, observei o quanto as mídias digitais foram importantes na construção de subjetividades, visto que muitos indivíduos fazem usos das mídias para se organizarem, relacionarem e propagarem uma mesma cultura. Nesse sentido, meu interesse inicial era a pesquisa sobre como as mídias digitais contribuía para a produção de discursos sobre a masculinidade tóxica. Porém, durante esse percurso de pesquisas sobre esse campo, deparei-me com os estudos da autora Raewyn Connel, importante cientista social na temática das masculinidades. Suas teorias sobre a existência das masculinidades hegemônicas, que se relacionam com outras masculinidades consideradas subalternas, passaram a ser objeto de meu interesse. Nas buscas que realizei na internet por mídias digitais que produzem discursos sobre masculinidades, fui direcionado ao site *Entre eles*¹.

O *Entre eles* é registrado com um nome empresarial, possui CNPJ ativo na Receita Federal e seu cadastro indica que a sede da empresa é na cidade de São Paulo-SP. A principal atividade da empresa é treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial, por isso são habilitados para a venda de cursos e consultorias, dentre várias outras atividades. O capital social declarado é de R\$5.000,00. A empresa possui sociedade de duas pessoas, Lucas Ribeiro², mentor da página *Entre eles*, e sua esposa, que também é produtora de conteúdo digital. Essa informação permitiu a hipótese, posteriormente confirmada, do uso de uma abordagem relacional para desenvolver conceitos de masculinidades e feminilidades.

¹A fim de preservar a identidade dessa mídia e também de seu mentor, utilizo nome fictício para me referir a ela.

² Para preservar a identidade do mentor e produtor de conteúdos, utilizo nome fictício para me referir a ele.

Mediante isso, destaco que o *Entre eles* constitui-se como uma empresa do ramo educacional, tendo em vista que suas atividades são venda de cursos, mentoria e conteúdos que contribuem para a formação de subjetividades. Sendo assim, essa plataforma e todos os conteúdos que transitam em sua rede precisam ser compreendidos pelo campo da educação, em especial que lide com gênero e sexualidade.

As mídias digitais do *Entre eles* publicam conteúdos direcionados a pessoas que se identificam como homens e que gostariam de viver a “masculinidade saudável”, apresentam a perspectiva de que é necessário aos homens se desconstruírem do machismo, da masculinidade tóxica e que devem viver uma masculinidade mais livre das pressões sociais, uma sexualidade mais prazerosa e positiva e uma relação mais igualitária com as mulheres.

O organizador e produtor de conteúdos do *Entre eles* é Lucas Ribeiro, um homem branco, cisgênero, heterossexual, possui formação em ensino superior e se apresenta como uma pessoa “apaixonada pelos processos de transformação humana”. Afirma que, por muito tempo, se viu como um homem tóxico e machista e trabalhou durante muitos anos com o mercado imobiliário em jornada extensiva. Além disso, declara que não era um bom companheiro de sua esposa, pois tinha problemas com sua sexualidade, visto que a traía e, durante esse período, considerava-se infeliz.

Porém, num determinado momento de sua vida, decidiu mudar, especializou-se em sexualidade humana e, em 2018, fundou o *Entre eles* com a missão de ajudar homens a conviver melhor com suas masculinidades, se expressarem no mundo de um modo mais livre, viverem uma sexualidade positiva e uma relação melhor com as mulheres. Assim, os conteúdos que mais se evidenciam são “masculinidade saudável”, “sexualidade positiva”, “broderagem saudável” e a “pedagogia do prazer a dois”.

Por intermédio do que foi apresentado até aqui, meu objeto de estudo são os usos das mídias digitais como construção de conteúdos sobre masculinidades para homens e, para isso, utilizo como recorte o conteúdo da plataforma *Entre eles*. Desse modo, o objetivo desse estudo é analisar como as mídias digitais têm auxiliado na construção de discursos sobre masculinidades.

Apresentação do tema

O tema abordado nessa pesquisa é a construção de discursos sobre masculinidades nas mídias digitais que, portanto, discorre sobre reflexões no campo da educação, gênero e sexualidade e mídias digitais.

É sabido que a educação consiste numa prática social que tem por finalidade auxiliar o desenvolvimento integral dos sujeitos. Partindo desse pressuposto, gênero e sexualidade são constituintes importantes na subjetividade das pessoas, de modo que suas pesquisas devem ser contempladas no âmbito educacional.

A “pedagogia de gênero”, conceituada nos trabalhos de Sabat (2001), e os estudos de “pedagogias contemporâneas” no campo do gênero e sexualidade da autora Louro (2008) revelam que as masculinidades são construídas socialmente nos sujeitos durante toda sua vida a partir das expectativas depositadas nestes e nos discursos que são construídos na sociedade que norteiam práticas e determinam como devemos ser e nos comportar.

Se a educação é uma “prática social”, deve-se levar em conta que atualmente a sociedade tem se relacionado em rede, segundo Thompson (2008). Assim, os avanços tecnológicos e a interatividade, possibilitados pela internet e o uso dos celulares e aplicativos de relacionamento, impulsionaram os usos das mídias digitais no campo dos relacionamentos e também na disseminação de discursos que auxiliam a construção de masculinidades.

Seleção do método de pesquisa

Inicialmente, para a realização desta pesquisa, os estudos foram embasados na pesquisa bibliográfica de caráter exploratório para referenciar os temas associados à Sociologia e Sociologia digital acerca das temáticas: masculinidades, subjetividades, gênero, sexualidade, cultura e mídias digitais.

De acordo com Silva e Menezes (2001), o método selecionado tem como objetivo adquirir novos conhecimentos sobre o tema, de modo a contribuir para futuros aprofundamentos por meio de pesquisas provindas a partir destas. Já Marconi (2017) afirma que a pesquisa qualitativa descritiva se propõe a observar, registrar e descrever características sobre o tema estudado.

Concomitante a isso, efetivei pesquisas na internet por intermédio da página do Google a fim de buscar sites que desenvolviam a temática das masculinidades e grupos constituídos por homens interessados em dialogar sobre o tema. Nesse processo, deparei-me com o *Entre eles*.

No final do ano de 2020, passei a seguir o perfil do *Entre eles* nas redes sociais Instagram³ e Facebook⁴. Durante o ano de 2021, efetivei uma ampla pesquisa em torno da plataforma, realizando acessos diários. A partir daí, criei um banco de dados com *prints* das publicações de maior destaque da página e dos principais comentários realizados pelos seguidores. Os conteúdos que atribui maior visibilidade foram as *lives*⁵, em virtude de possibilitarem a expressão dos conceitos do mentor da plataforma, indicarem a maneira como este se relaciona com os convidados e a forma como o público de seguidores interage com o mentor e com os conteúdos comunicados.

Utilizei várias técnicas de observação, tais como: acessos diários às redes sociais, verificação de agenda das *lives* e das datas dos cursos gratuitos. Criei um diário de campo, iniciando um arquivo do editor de texto Word em que foram realizados os registros dos dados observados, anotações sobre o que foi comunicado nas *lives*, os conceitos trazidos e as interações. Efetivei recortes dos pontos que considerei serem dignos de melhor análise, como os conteúdos que mais se repetiam, que geravam maior engajamento do público e que rendiam maiores interações e comentários.

Apesar de o diário de campo ter sido construído num dispositivo tecnológico como o notebook, verifiquei que o uso de um caderno e da escrita manual foram importantes auxílios na organização do raciocínio analítico. Então, este recurso foi usado com muita frequência, pois sempre que ocorria algo relacionado à pesquisa as anotações eram produzidas no caderno para, posteriormente, ampliar as reflexões sobre o tema.

Ressalto que, apesar de a pesquisa ocorrer no campo digital, por uma questão geracional, o caderno impresso se fez importante neste processo, visto que minha educação de base se deu sem tantos recursos tecnológicos e num contexto em que a escrita manual era um dos principais dispositivos de aprendizagem.

Por fim, os recursos utilizados para registros, como o arquivo do Word, os *prints* salvos no celular e o caderno foram organizados com data e temas das anotações.

Durante o mês de fevereiro de 2021, o *Entre eles* divulgou uma aula gratuita sobre a temática das masculinidades, que foi disponibilizada mediante o envio de link

³ É uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos entre usuários do mundo todo. Possibilita a aplicação de filtros e edições, além de ter como recurso a transmissão de vídeos ao vivo.

⁴ Trata-se de uma rede social que conecta pessoas de todas as localidades, permite que o usuário acompanhe seus amigos e também pessoas públicas, possibilita o compartilhamento de fotos, vídeos, notícias e conteúdos postados no feed “No que você está pensando?”.

⁵ *Live* é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo realizada através da internet, geralmente por meio das redes sociais. O Instagram possui essa ferramenta que possibilita ao usuário realizar uma transmissão em tempo real para seus seguidores.

via Whatsapp para acesso à plataforma Youtube. As inscrições foram realizadas pelo aplicativo do Instagram no qual havia um link para acesso ao grupo de Whatsapp do *Entre eles*. Assim, foi possível acrescentar um novo campo em que o objeto circulava e, assim, passei a utilizar o próprio celular como registro das conversas do grupo.

Deste modo, compreendi essa rede de homens do *Entre eles* como um ambiente relacional em que circulam o objeto dessa pesquisa, bem como as questões que a guiaram: “como as mídias digitais contribuem para a construção de masculinidades?” e “quais conteúdos sobre masculinidades são produzidos para homens e veiculados nas mídias digitais na atualidade?”.

A percepção obtida é a de que essa rede de usuários compõe uma teia nos mesmos moldes dos significados da palavra “web⁶”. A maneira como criam conteúdos, veiculam-nos, relacionam-se e interagem possibilita que esse ambiente seja selecionado como um recorte desse objeto de estudo.

Nesse processo de pesquisa, acessei apenas os conteúdos públicos divulgados na página, por isso não foi feito nenhum curso que exigia investimento financeiro. Particpei de maneira intensa de grande parte dos conteúdos veiculados nas mídias do *Entre eles*, inclusive nas *lives*, com acesso às redes sociais e visualizações nos grupos de Whatsapp, porém, por meio do método de imersão oculta, sem interação nem com o mentor, nem com o grupo, sem realizar nenhum comentário. Optei por adotar uma postura de “lurker” que, nos termos de Braga (2006), trata-se de um pesquisador silencioso, que permanece no campo de modo que passa despercebido pelos demais participantes. Para a autora, o método *lurker* é um tipo de observação participante que tem por objetivo visualizar, registrar, descrever e analisar os conteúdos que transitam em um determinado campo de estudo, no entanto, a presença ou não do pesquisador é desconhecida pelos demais participantes.

Nessa pesquisa, utilizei um método de imersão observante obstrutiva, que consiste numa forma de ampla observação e coleta de dados de uma temática sem que o pesquisador tenha interação com o público (KOZINETS, 2006). Esse método foi semelhante ao apresentado por Vieira Junior (2020) em sua tese de doutorado na qual realizou observação de plataformas on-line para análise dos comentários que eram postados em matérias do portal “o globo” sobre a transexualidade entre os anos de 2015 e 2018. Sua pesquisa contemplou, ainda, análise de dois grupos do Facebook.

⁶Web significa rede no contexto tecnológico; uma rede mundial de computadores capaz de conectar usuários do mundo todo por meio do acesso à internet e dispositivos midiáticos.

Esse método possibilitou observar número de curtidas, reações, visualizações que contribuíram para a análise de quais conceitos compõem a pedagogia e o currículo dessa plataforma educacional, bem como os significados sociais que são atribuídos aos usos das mídias digitais, às masculinidades, ao sexo e à sexualidade, e às relações de gênero. Assim, parti da hipótese de que a rede do *Entre eles* não pode ser compreendida como uma plataforma desconexa do entorno social, mas compõe uma das várias mídias digitais que transitam num contexto que apresentam repertórios de masculinidades e relações de gênero.

As pesquisas que envolvem mídias digitais, em virtude de contar com o uso da tela como mediação relacional, possibilitam a invisibilidade do observador, que consegue, deste modo, verificar os fenômenos que ocorrem no campo sem a interferência de se fazer presente um pesquisador no conhecimento das pessoas. É válido destacar que esse método não se trata exclusivamente de pesquisa com mídias digitais, mas também é utilizado em pesquisas nas quais o pesquisador pode se passar por um consumidor em meio a outros consumidores de um determinado local, por exemplo (VARIS 2014).

É importante elucidar que essa “invisibilidade” não é total, já que a presença no *Entre eles* é registrada por algoritmos da internet. Por isso, meus acessos são vistos pela página, notados por quem controla as mídias e, como uma das consequências disso, meu perfil pessoal do Instagram é constantemente “bombardeado” por informações do *Entre eles*, por venda de cursos e direcionamentos a outras mídias que desenvolvem a temática de masculinidades, sexualidade, paternidade, entre outros.

Somado a isso, usei também o conceito de pesquisa campo tema desenvolvido por SPINK (2013), o qual afirma que o campo não se refere a um local físico e específico, mas lugar de relações em que transitam conteúdos, afetos e elementos intersubjetivos acerca de um determinado tema. Assim, o campo não é visto como um local distante do observador, mas um espaço onde o pesquisador está inserido e é participante. Com base nessa concepção de campo tema, esta pesquisa não se trata apenas de uma análise de plataforma, mas sim um estudo sobre um tema “discursos de masculinidades” que está sendo veiculado num campo “mídias digitais”.

Ressalta-se, ainda, que a presença como pesquisador participante nessa rede de homens faz com que meu olhar não seja neutro, já que participei ativamente do campo de pesquisa, o que possibilitou reações distintas diante dos discursos apresentados. Isso ocasionou a identificação com algumas ideias e rejeição de outras.

A minha educação se deu num contexto de influências conservadora e religiosa; logo o modelo de masculinidade hegemônica apresentado é de uma figura autossuficiente, que não reclama, não se emociona, provê as necessidades do lar, possui força física, é trabalhador braçal, destaque em algum esporte, entre outras coisas mais.

No entanto, não me sinto pertencente a essa forma de ser e viver e com essas características, ao contrário, me considero criativo, amo a natureza e os animais, gosto de ler, cozinhar, comunicar meus afetos e emoções, tenho o diálogo como algo muito valioso, e as atividades que mais me interessam são as que exigem o pensamento, a reflexão e o diálogo, tanto que escolhi ser psicólogo e professor.

Por isso me identifiquei com os discursos do *Entre eles* sobre o fato de que o homem pode ser emotivo, gostar de ler e cozinhar, ter sensibilidade para gostar de flores e admirar a natureza. Além disso, também me identifiquei com os discursos de aversão à violência contra a mulher, da busca por relações igualitárias, das masculinidades periféricas e das classes sociais menos privilegiadas. Com efeito, essas são pautas nas quais me engajei pessoal e profissionalmente.

Senti-me identificado, ainda, com o fato do quanto pode representar sofrimento aos homens não fazer parte do modelo hegemônico apresentado no contexto social em que se vive, visto que, na verdade, a “autossuficiência masculina” é uma idealização muito distante do real, na qual a maioria dos homens não consegue se sentir representados.

Em contrapartida, não me reconheci nos discursos que buscam moralizar os usos das mídias digitais e dos relacionamentos, bem como psicopatologizar condutas humanas que são construídas socialmente, o que me parece ser o propósito em alguns discursos apresentados na plataforma. Contudo, como participante dessa rede de homens, acredito que expresse um modelo de masculinidade que consideram hegemônica.

Contribuições da pesquisa para a educação

Durante o processo de construção dessa pesquisa, um desafio enfrentado foi pensar a temática do estudo das masculinidades vinculada à educação, visto que esse trabalho compõe o Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS, na linha de pesquisa “Educação, Linguagem e Cultura”.

Para tanto, recorri à obra da autora Louro (1997) a qual afirma que a família, a escola, as instituições sociais, religiosas e todo o entorno cultural agem como pedagogias de gênero e sexualidade que atuam na fabricação de sujeitos.

Em seu trabalho “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas”, Louro (2008) analisa como as mídias impressas, televisivas e, atualmente, as mídias digitais tornaram-se um processo educacional para a construção de sujeitos em termos de gênero e sexualidade.

Em concordância com os estudos de Louro, utilizei o conceito de pedagogias de masculinidades, por compreender que os espaços do *Entre eles* atuam como um projeto educacional na construção de discursos e modelos de novas subjetividades.

Nesse sentido, compreendi essa pesquisa como relevante para o campo educacional, científico, social, político e para a linha de pesquisa do Programa de Mestrado, já que este trabalho aborda reflexões sobre gênero e sexualidade no contexto da educação, produz literatura científica sobre a temática, aborda reflexões sociais e políticas acerca da construção das subjetividades e fortalece os estudos da educação em termos culturais propostos na linha do Programa, numa perspectiva de educação para além do âmbito escolar.

Estrutura da dissertação

Essa dissertação está estruturada em: introdução, quatro capítulos e considerações finais. Na introdução, foram abordados brevemente os motivos que levaram à escolha do tema, com apresentação do objeto de estudo, objetivo, recorte utilizado, metodologia selecionada para a realização da pesquisa e a estrutura do texto.

O primeiro capítulo, intitulado “Mídias digitais e masculinidades”, aborda o conceito de mídias digitais numa perspectiva para além do determinismo tecnológico, compreendendo que elas estão inseridas em um contexto social e cultural. Além disso, expus reflexões sobre como os meios de comunicação mediam relações sociais e constituem processos de identificações, contribuindo para a construção de discursos de masculinidades e para a formação de subjetividades.

Em seguida, apresentei um resgate histórico de como as mídias impressas construíram discursos de masculinidades até o contexto atual e as mídias digitais continuam a contribuir com a construção de subjetividades. Por fim, dissertei sobre os usos sociais das mídias com a finalidade de estabelecer relações de segredos entre homens que desejam expressar suas masculinidades num contexto social adverso para

buscar parceiros gays, para buscar relacionamentos extraconjugais ou para buscar uma rede de apoio emocional.

No segundo capítulo, realizei um percurso teórico sobre os estudos de masculinidades, sobretudo nas perspectivas de Connel (1995), fundamentadas nas ciências sociais para conceituar masculinidades e masculinidade hegemônica, a qual refere-se a um projeto de masculinidade desejado pelos homens, admirado pelas mulheres e que se relaciona com outras masculinidades consideradas subalternas.

Já no terceiro capítulo, “*Entre eles*: o discurso da masculinidade saudável”, apresentei as mídias digitais do *Entre eles*: o site, as redes sociais do Facebook e Instagram, Youtube e o grupo de Whatsapp, descrevi o autorrelato de Lucas Ribeiro, mentor da plataforma. Em seguida, utilizei as *lives* do Instagram para analisar o conteúdo transmitido, visto que nessa rede social houve interação e foi possível verificar o perfil dos formadores de conteúdo, bem como os conceitos transmitidos. Nesse capítulo, analisei os conceitos de pedagogia e currículo, autoajuda em gênero e sexualidade, as características das subjetividades empreendedoras, o modelo de masculinidade hegemônica e subalterna para o *Entre eles*, pedagogias de masculinidade saudável, empreendedorismo moral e homosocialidade.

No capítulo quatro, “Relações de gênero, sexualidade e paternidade”, prossegui com a análise de *lives* para elucidar os discursos construídos pelo *Entre eles* na relação de gênero, sexualidade e o modelo de paternidade que é apresentado.

Finalizei o texto da dissertação com o item “Considerações Finais” em que descrevi os principais pontos de análise do conteúdo estudado e os desdobramentos finais da pesquisa.

1 MÍDIAS DIGITAIS E MASCULINIDADES

Neste primeiro capítulo, objetivei apresentar alguns conceitos importantes para a pesquisa, por isso descrevi o que são mídias digitais e como os discursos que veiculam nelas devem ser analisados a partir de um entorno cultural.

Para compreender o que é cultura, utilizei o texto de Hall que faz uma leitura da obra de Raymond Willians.

Em seguida, empreguei o texto de Monteiro para elucidar as influências das mídias impressas na construção de modelos de masculinidades entre os anos 60 e 90, até contextualizar a contemporaneidade, em que as mídias digitais continuam a contribuir com a construção de masculinidades.

Posteriormente, finalizei refletindo sobre os usos sociais das mídias digitais e as relações em segredo que muitos homens recorrem seja para a expressão de sua homossexualidade, num contexto social heteronormativo, seja para a busca de relações extraconjugais, as quais devem ser mantidas em sigilo num contexto social monogâmico, seja para construir uma rede de apoio emocional, em que o segredo deve ser mantido em uma sociedade que ensina e aprende que “homem não chora”.

1.1 Mídias digitais e o contexto cultural

As mídias digitais são dispositivos tecnológicos que permitem veicular conteúdos e mediar relações via internet, utilizando, principalmente, os meios de comunicação como celulares, smartphones, notebooks, computadores, sites, redes sociais, blogs, Whatsapp, Instagram, Facebook, entre outros aplicativos.

Sabe-se que, nos últimos anos, as mídias digitais passaram por um processo de evolução e se tornaram acessíveis e necessárias a um grande número de pessoas que começou a fazer uso delas para resolver questões do dia a dia, para se relacionar e também para acessar conteúdos que auxiliam na construção de subjetividades.

Thompson (2008) afirma que as tecnologias de comunicação produziram, no meio social, uma nova forma de visibilidade por intermédio dos computadores e da internet. O autor realiza uma análise a partir da perspectiva das interações que ocorrem intermediadas por recursos tecnológicos. De acordo com ele, as relações presenciais não deixaram de existir, contudo foram acrescidas por outras formas de relacionamento humano intermediadas pelo computador, celular e internet.

As mídias digitais possibilitaram maior facilidade de acessar, produzir e reproduzir informações que podem ser direcionadas às pessoas que não ocupam o mesmo espaço físico. Deste modo, cada vez mais as pessoas acessam informações de fatos que ocorreram em outras localidades.

O autor destaca ainda a existência de vários mecanismos comunicacionais que utilizam recursos audiovisuais, textos, editores de textos e vídeos que podem transmitir os conteúdos e dar a visibilidade que se deseja, ou seja, são instrumentos que podem ser operados para reprodução da cultura (THOMPSON, 2008).

Assim, a perspectiva, nesta pesquisa, é ir além do determinismo tecnológico para compreensão das mídias digitais, tanto do seu contexto de produção quanto de seus usos. O determinismo aponta a tecnologia como responsável pela propagação de estruturas sociais e de valores morais. Contudo, os usos sociais das mídias digitais, compreendidos a partir dos estudos da Sociologia digital, afirmam que estas não são neutras e desconexas de seu entorno, mas devem ser compreendidas a partir do contexto social e cultural em que estão inseridas.

Para compreender o que é cultura, é necessário contextualizar o nascimento desse conceito. Para isso, Thompson (2008) descreve que foi por meio da antropologia e de algumas ciências sociais, no decorrer dos séculos, que o termo cultura foi sendo construído. Nesse contexto, foram desenvolvidos diversos estudos sobre culturas, essenciais para a elaboração de uma definição atualizada, mesmo que complexa, do que venha ser a cultura. O autor aponta que o termo cultura se encontra carregado de conceitos e significados ocasionados por notáveis mudanças ocorridas ao longo da história nos diversos âmbitos: da indústria, da democracia, das artes e da sociedade.

Ao estudar a obra “Cultura e Sociedade” de Raymond Williams (1958), Hall (2005) afirma que a maior contribuição deste se constata na ampliação do conceito de cultura, sendo esta considerada sincronicamente como modos de vida, bem como sistema de representações e produções e atividades de cunho artístico e intelectual.

Hall dedicou seus estudos sobre cultura a fim de promover reflexões a respeito da questão da globalização. Suas dissertações conduzem às mídias e suas práticas, correlacionando-as aos sistemas sociais de modo que, ao investigar o impacto destas quanto aos receptores, podem ser consideradas como múltiplas culturas, as quais se encontram carregadas de confrontos e litígios de poder entre grupos.

Analisando o roteiro traçado no decorrer da história sobre o que circundam os estudos culturais, Hall afirma o principal modelo influente da atualidade, conceituando:

“A cultura é algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana” (HALL, 2005, p. 132).

Uma vez conceituada a cultura, o trabalho de Hall (2005) indica um movimento social para a consolidação dos meios de comunicação nas relações sociais, nas constituições de processos de identificações, gênero, sexualidade, dentre outros. Nessa perspectiva, as subjetividades são construídas a partir da identificação dos sujeitos com os discursos que são construídos na sociedade dos modos de vida vigentes no momento e na cultura em que esses discursos são produzidos.

Portanto, a propagação da cultura se dá em uma sociedade mediante a disseminação da informação via canais de comunicação. Pensando nisso, Miskolci (2013) discorre que, no século XIX, período anterior às mídias digitais, a sociedade contava com as tecnologias da época, tais como: a imprensa, o rádio e a televisão para a finalidade de transmitir informações mundialmente. Essas mídias eram capazes de contribuir para a formação ou mesmo a transformação daqueles que atingiam. Assim, com o advento da globalização, que poderia ser caracterizada como sendo uma forma de integração social, econômica e cultural entre as diferentes regiões do mundo, houve avanço nos meios tecnológicos e no âmbito da informação, colaborando, pois, para que as formas de reprodução, trocas e propagação das culturas tornassem mais acessíveis a todos.

1.2 Discursos de masculinidades: das mídias impressas às mídias digitais

Para apresentar como as mídias auxiliaram na formação de subjetividades e propagação da cultura, o sociólogo Miskolci (2013) discorre sobre como o crescimento das sociedades e das economias contribuíram para os avanços das mídias.

O autor afirma que os livros, jornais e revistas eram mídias impressas que difundiram cultura, ideais e saberes, e que eram capazes de alterar a civilização, transformar a cultura e modificar os modos de vida. Argumenta que, antes do advento da internet, dentre tantas mudanças ocorridas, um dos motivos de maior influência para a ocorrência de transformações políticas e sociais deu-se por meio da circulação em massa de textos impressos.

Com o passar dos tempos, essa disseminação de informações por meio dos meios de comunicação em massa, como as ondas do rádio e as imagens televisivas, foi cada vez mais amplificada. Com o advento da internet, esse processo se intensificou, e se tornou cada vez mais veloz a propagação da informação.

Sobre a capacidade das mídias no direcionamento das informações, Boyd (2001) declara que as redes sociais solicitam informações prévias para cadastro dos usuários como sexo, idade e localização geográfica.

Nessa direção, Padilha e Facioli (2018) destacam que essa classificação busca padronizar os usuários, partindo de um princípio de que há apenas homens e mulheres mantendo a visão do determinismo biológico acerca da sexualidade.

Nesse mesmo sentido, Van Dijck (2016) discorre sobre a evolução da web, e os recursos interativos possibilitados pela web 3.0 que permitem direcionar conteúdos e publicidades. Desta maneira, a autora afirma que as mídias digitais não são neutras, mas comunicam o discurso vigente no contexto social. Sendo assim, uma vez que os conteúdos direcionados nas mídias podem apresentar modelos de subjetividades, é possível que ocorra o aprendizado por modelagem social, que consiste na identificação e aproximação dos sujeitos com o modelo discursado.

Seguindo a perspectiva de que as mídias impressas comunicam discursos culturais para a formação de subjetividades, recorri à obra de Monteiro (2000) por apresentar um resgate histórico de como as mídias impressas atuaram no sentido de construir masculinidades, entre os anos de 1960 e 1990, em estudos efetivados nas revistas VIP, Placar, Playboy, entre outras. O autor apresenta vários discursos de masculinidades que são expressos em revistas de negócios, empreendedorismo, esportes, comportamentos, pornográficas e para o público gay.

Segundo o autor, o significado de “ser homem” se constitui a partir de vários referenciais. A revista VIP se dispõe a representar o referencial de vestimenta e comportamento masculino, enquanto a revista Placar aborda basicamente a temática do futebol e dos esportes, presumindo a obrigatoriedade de interesse do masculino pelos esportes. Ao citar a revista Playboy, Monteiro (2000) expõe que a representação de masculinidade é a heterossexual, que traz elementos da heteronormatividade e da mulher como sendo patrimônio do homem.

O autor pontua, ainda, que as revistas formam masculinidades, mas não por conta própria, já que elas de fato reproduzem as representações sociais existentes na cultura, possibilitando que as pessoas que acessam esses conteúdos possam se identificar com os discursos apresentados do que se constitui o “homem ideal”.

Em concordância com esse pensamento, Louro (2008) aponta que, historicamente, jornais, revistas e telenovelas foram fatores importantes para a construção de subjetividades e que, na atualidade, as mídias digitais ganharam um

contorno significativo para produzir masculinidades e feminilidades, visto que as redes sociais, sites e blogs apresentam dicas de como ser, como fazer e como se comportar.

Mediante isso, cabe ressaltar que os discursos de masculinidades presentes nas mídias impressas faziam sentido no contexto cultural dos anos 60 e 90, porém, atualmente, esses discursos estão em questionamento, visto que o contexto cultural é outro, e cada vez mais as possibilidades de expressão da masculinidade são variadas, inclusive por meio das mídias digitais que apresentam novos discursos, como é o caso do *Entre eles*. Essa mídia apresenta um modelo de masculinidade que considera saudável em oposição a esses modelos construídos no contexto cultural entre os anos 1960 e 1990.

Portanto, para analisar os discursos de masculinidades presentes nas mídias digitais atuais, considere o contexto social e cultural que envolve os feminismos e as relações de gênero que serão abordadas no terceiro e no quarto capítulos.

1.3 Masculinidades e os usos sociais das mídias digitais

As reflexões apresentadas a seguir discorrem sobre os usos das mídias digitais em aplicativos manejados por homens com a finalidade de mediar relações de segredos. Esses usos fazem sentido para esses sujeitos que desejam expressar suas masculinidades num contexto social heteronormativo, monogâmico e que incentiva a masculinidade forte, viril, que não se fragiliza. Deste modo, as mídias representam uma alternativa diante de um contexto cultural adverso para a expressão da subjetividade desses homens.

Nesse sentido, os trabalhos de Miskolci e Pelúcio (2017, p. 15) apresentam grandes contribuições aos usos das mídias digitais no que remetem a gênero e sexualidade, porque para eles as mídias digitais configuram-se num:

Espaço privilegiado para essa deriva, parece mesmo intensificá-la, ramificando-se por *links* intermináveis que permitem experimentos e experiências orgásticas e transgressoras, por um lado, e encapsuladoras, por outro. Nas ruas, como na rede, os espaços também estão marcados. No ambiente difuso e anárquico da *web* velhos códigos se reinventam para falar do negócio do desejo. As territorialidades marginais de Perlongher estendem-se agora dos bares aos *blogs*; das praças aos *chats*; dos mictórios públicos às interações sexuais pelo *MSN*, mas, sobretudo, da São Paulo analisada pelo pesquisador a todo país.

Miskolci (2017) realizou observações análogas a estas quando analisou a conjuntura de San Francisco, onde evidenciou que, anteriormente ao advento da internet, homens gays já haviam experienciado relacionamentos em “bares gays”; portanto, a vinda desta ferramenta tecnológica foi agente do alimento destes âmbitos de encontros.

Na mesma direção, Padilha (2019), em sua obra, abordou a questão sobre os usos sociais das mídias digitais enquanto ferramentas que servem para a midiatização dos indivíduos, realizando sua pesquisa com interlocutores homens provindos de classes populares, entre 21 e 46 anos, residentes no interior do Estado de São Paulo com uma particularidade em comum: utilizam serviços comerciais que servem para a busca por parceiros para homens gays. Assim, as mídias digitais contribuem para a busca de relações sigilosas entre homens homossexuais, visto que, no contexto em que essas mídias estão inseridas, a cultura heteronormativa apresenta-se como um fator de dificuldades para a expressão de masculinidades homossexuais.

Deste modo, Padilha (2019) afirma que a tecnologia não age por si só, não sendo capaz de buscar por parceiros, mas é por meio dela que os indivíduos mediam suas relações a partir de aplicativos e plataformas que são compreendidas como um ambiente seguro e privado que garantem relacionamentos de maneira sigilosa na percepção dos interlocutores de sua pesquisa.

Já com o enfoque nas masculinidades heterossexuais, a autora Larissa Pelúcio (2017) procura ampliar o método de estudo que visa conhecer as características culturais e subjetivas de um dado grupo, dentro de um contexto sociocultural concreto, no âmbito das mídias digitais, nas quais homens buscavam relacionamentos às margens do casamento. Para isto, manipulavam sites personalizados e especialistas neste tipo de serviço, oferecendo aos usuários oportunidade de aventurar-se e suscitar emoções; tudo com “sigilo” e “segurança”.

A autora debruçou-se sobre o site *Ashley Madison*, de origem canadense, durante sua pesquisa. A partir das investigações efetuadas, relata que seu intuito inicial era analisar os contextos sobre as “conjugalidades contemporâneas”, mas que por ventura acabou sendo levada a discutir a questão da “sexualidade e desejos” que, nas palavras da autora:

se somaram às negociações no campo das relações de gênero, as quais se davam em cenário marcado pela incitação à aventura e ao consumo de emoções, levando-me a prestar atenção à constituição das masculinidades contemporâneas frente a estas demandas (PELÚCIO, 2017, p.3).

Em sua obra, evidencia-se que este novo foco da pesquisa gerou, de certa forma, um interesse em aprofundar o conhecimento sobre este novo mercado, uma vez que notou também certo crescimento dos usuários de aplicativos designados à smartphones, os quais servem como ferramenta para introdução na economia do desejo⁷. Assim, Pelúcio procurou descobrir indícios ou fatos que a levassem à compreensão de que forma o público masculino adulto, autointitulados heterossexuais, alusivos das classes sociais média e baixa:

têm negociado sexo e amor com suas potenciais parceiras e lidado com as relações de gênero que atravessam esses contatos no presente e como, nessas intermediações digitais performam, atualizam e tencionam modelos de masculinidades (PELÚCIO, 2017, p. 3).

Dessa forma, o trabalho de Pelúcio nos propõe uma compreensão de cunho antropológico no contexto das emoções ligadas aos relacionamentos heterossexuais na atualidade. Enfatiza as mudanças ocasionadas pelos usos dos aplicativos, os quais acabaram desempenhando um papel fundamental nas relações de gênero, na maneira das pessoas se interagirem, na formação de si, por meio de troca de culturas e ideias, o que corrobora no entendimento de que o mundo on-line influencia também no modo off-line da vida de seus usuários.

A autora, de maneira peculiar, tece entremeios que unificam os modelos de “amor” preconizados no século XIX, XX e início do XXI, perpassando desde o romantismo até chegar aos dias atuais, como a era do neoliberalismo tecnológico e amores imediatos e mediados (PELÚCIO, 2017).

A utopia romântica do par heterossexual confronta-se com a incitação à busca perpétua pela “melhor opção”, sustentada pela ideia de abundância que

⁷ Compreendida por Richard Miskolci (2013) “como sendo a forma como as relações entre afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração econômica, de trabalho e de consumo, em que as relações sociais são mediadas digitalmente” (p.273).

os aplicativos móveis insinuam, bem como pela mecânica do descarte que possibilita que a procura seja, além de ansiosa, lúdica. As referências do amor romântico parecem pouco eficientes para se construir relações prazerosas em tempos de capitalismo afetivo (PELÚCIO, 2017, p.3).

A autora, em sua imersão na pesquisa etnográfica, focou nos seguintes aplicativos: *Adote um Cara*, *happn* e *Tinder*. A partir de análises minuciosas destes, Pelúcio conseguiu descrever um mapeamento como sendo inerente à “*nova economia do desejo*” o qual, segundo ela, “*sustenta o amor neoliberal*”.

Na maior parte das discussões, amor e dinheiro formam uma equação problemática. A ideia corrente é que o dinheiro corromperia as relações afetivas, contaminando-as com a frieza e a racionalidade que lhes são atribuídas, qualidades supostamente incompatíveis com a dimensão emocional dos afetos (PELÚCIO, 2017, p. 174).

Pelúcio (2017) relata em seu trabalho que foi necessário ponderar sobre modificações em esfera socialmente maximizada, com a finalidade de buscar respostas no que se refere às influências destas no cotidiano dos entrevistados de sua pesquisa, uma vez que há interligação entre o pessoal e o político ao longo do trajeto. Ela ainda buscou averiguar mais profundamente o íntimo e o pessoal no contexto político e social no país, na atualidade, em razão de presenciar a politização de proposições acerca do gênero e da sexualidade.

À vista disso, deve-se destacar que a questão das masculinidades trabalhadas por Pelúcio e Miskolci (2017) e Padilha (2019) acabam recaindo sobre o objetivo desse trabalho, que remete ao modo como são construídos discursos de masculinidades nas mídias digitais, além de apontar sobre os usos que os homens têm realizado dessas mídias, tanto para expressar sua masculinidade quanto para buscar por parceiros (as) no que remete à sexualidade homossexual e heterossexual.

As buscas por relações de broderagem e apoio emocional constituem outro uso das mídias digitais acerca das relações de segredos entre homens, visto que, para muitos, afirmar suas vulnerabilidades parece ser uma tarefa difícil, afinal essa prática pode colocar em questionamento suas masculinidades.

Prado (2020), em seu trabalho intitulado “Nas empresas de garagem: reflexões sobre masculinidades, empreendedorismo e mídias digitais”, discorre sobre o elo que há entre as mídias digitais e o apoio emocional, dando ênfase aos métodos por meio dos

quais criam vínculos significativos designados às masculinidades que são promovidas em rede.

A autora direciona sua pesquisa a fim de suscitar pressuposições que subentendem a concepção de classe social, gênero, sexualidade e etnia dentro da criação de um mercado singular particularizado por meio de tecnologias que dispõem de mídias digitais, concentrando na composição de redes que oferecem apoio de cunho emocional entre homens.

Sua pesquisa abordou entrevistas realizadas com homens que formavam uma comunidade on-line e que tinham características comuns, tais como: brancos, heterossexuais e profissionais liberais.

Assim, iniciando sua explanação, Juliana demonstra que certas instabilidades tanto profissionais quanto subjetivas acabaram influenciando e marcando a vida de alguns de seus entrevistados. Esse efeito foi tão forte que os levou a buscarem as orientações provindas de maneira on-line, por meio dessa sociabilidade, sendo que este reforço oferecido pelo coletivo incluía aconselhamentos, focando no investimento pessoal de si e cujo objetivo era a edificação da masculinidade pretendida, promovendo o alicerçamento da autoestima deles. A autora esclarece que “tanto os coordenadores, que tinham uma masculinidade admirada nesse contexto, quanto os usuários que pagavam por esse serviço não podem ser vistos sem considerar sua inserção social” (PRADO, 2020, p.118).

Nesse estudo, a autora elucidou também sobre a consolidação da comunidade que surge por meio das relações que acontecem entre homens, os quais demarcam um âmbito ideal para dividir suas inseguranças no que se refere às práticas de masculinidade e as dificuldades profissionais que experienciavam. Isso ocorreu muito antes de compreender esta comunidade como apenas um meio inovador de empreendimento. Nessa lógica, há de se compreender que os integrantes se tornam empreendedores de si mesmos, procurando exaltação social, dignos de admiração e respeito por conta de suas vitórias profissionais, bem como nos relacionamentos afetivos.

Contudo, está explícito que a comunidade on-line conseguiu desenvolver um perfil dentro desse paradigma social de masculinidade por meio das mídias digitais, um verdadeiro protótipo de “negócio de apoio emocional”, o qual é exclusivo aos homens que se enquadram no perfil estipulado como classe social, orientação sexual e etnia.

Nesse mesmo cenário, a pesquisadora infere de que maneira a comunidade propiciou aos homens que a acessam um conjunto de elementos que servem como referência, ampliando o leque de possibilidades a fim de que venham a repensar estigmas de masculinidade em rede. Aponta, ainda, que essa gama de serviços oferecidos acabou se transformando e formando um mercado que “masculinizou o apoio emocional em uma infraestrutura de rede social restrita” (PRADO, 2020, p. 218).

Portanto, este novo âmbito de investimento empresarial – a rede de socialidade – deu-se não por meio dos avanços da tecnologia, mas pelos usos que os indivíduos fazem das mídias digitais e seus dispositivos.

Sobre o uso das mídias digitais para a busca por apoio emocional, Facioli (2013) apresenta uma discussão em torno de teorias referenciadas que examinam demandas de subjetividade mediante a disseminação do acesso e dos usos das mídias digitais, levando em consideração características como: diferenças de classe social, orientação sexual, etnia, caráter religioso entre outros indicadores que perpassam a prática do uso.

É relevante destacar que, apesar dos estudos da autora terem por público-alvo um grupo de mulheres, é inerente ao ser humano a busca por apoio emocional, e nesse contexto a internet aparece como uma alternativa, visto que:

a popularização do acesso às mídias digitais permitiu a consolidação de uma forma interativa de requisitar ajuda ou, simplesmente, de falar sobre a vida, para aquelas e aqueles que não têm a sua disposição uma situação financeira que permita recorrer, por exemplo, aos profissionais de terapia (FACIOLI, 2013, p. 82).

Para a autora, essa facilidade de acesso ofereceu a muitas pessoas meios para se relacionarem, ou mesmo para relatar seus sentimentos, suas necessidades e desejos, traçando assim um perfil atraente, cativando mais usuários. Sobre isso a autora disserta:

a possibilidade de “fazer amigos”, permitida com o acesso à plataforma, se mostrou mais atrativa para pessoas que podem não ter intensos processos de socialidade fora da rede ou que, em determinado momento do seu dia, estão conectadas, por exemplo, no local de trabalho ou no ambiente doméstico (FACIOLI, 2013, p.82).

Assim, segundo a autora, a diferença existente entre o site acessado pelo computador e a plataforma disponível para aparelhos móveis está na forma que são apresentados os relacionamentos e como estes se dão.

Cabe ressaltar que os sites e plataformas que desenvolvem perfis para relacionamentos possuem certa arquitetura, consistindo na modelação e na remodelação dos perfis pertencentes a eles, haja vista que é isto que faz as plataformas continuarem em pleno funcionamento.

Ademais, os sistemas midiáticos tecnológicos articulam termos e linguagens juntamente com diversos cálculos que, por fim, são convertidos em dados de acordo com as características de seu público. Todos estes elementos existiam no *layout* que a plataforma exhibe a todos que a acessam, definindo o que será exposto de conteúdo ou mesmo de publicidade.

Mediante tudo o que foi explanado até aqui, finalizei o capítulo enfatizando que as mídias impressas e digitais devem ser analisadas a partir do contexto social e cultural em que estão inseridas, para assim ser possível a compreensão dos discursos de masculinidades que são comunicados a partir delas e também os usos sociais que os homens fazem delas.

Assim, nas observações do campo, notei que os usos das mídias digitais realizadas pelos seguidores do *Entre eles* também envolvem uma relação de segredo: a busca por autoajuda em termos de gênero e sexualidade que será analisada no terceiro capítulo.

Trata-se de uma relação de segredo, pois as interações dos homens acontecem com maior frequência em aplicativos privados de relacionamentos, como o Whatsapp, de modo que suas vulnerabilidades não apareçam publicamente e suas masculinidades não sejam questionadas.

2 UM PERCURSO TEÓRICO DOS ESTUDOS DE MASCULINIDADES PARA ABORDAGEM DO CAMPO DE PESQUISA

Para compreender o que é masculinidade, é necessário contextualizar brevemente como se deu a definição deste conceito. Para tanto, o presente capítulo respalda-se, principalmente, na obra escrita por Raewyn Connell, com publicação datada no ano de 1995, a qual é considerada referência no assunto. A autora australiana é uma cientista social cujas pesquisas em destaque abarcam trabalhos no campo da Sociologia, Educação, estudos sobre gênero, Ciência Política e História.

À luz disso, deve ser compreendido que a década de 1970 foi marcada por pautas feministas, estudos de gênero, masculinidades, feminilidades e também teorias psicanalistas que tinham como objetivo explicar a constituição das masculinidades e feminilidades, temas que foram objetos de seu interesse.

Nesta época, em meio a inúmeras pesquisas com estudos de casos, Connell desenvolveu suas próprias teorias a respeito, contrapondo a ideia do papel masculino opressivo. Neste mesmo período, as Ciências Sociais, História, Sociologia e Antropologia discutiram sobre diversos estudos relacionados às mulheres e ao masculino, de que originou seu pensamento elucidado à masculinidade.

Connell (1995) apresenta três concepções teóricas do estudo das masculinidades anteriores a sua teoria: concepção biológica-naturalista; Psicanálise; e a Psicologia Social.

Segundo a autora, “masculinidade” foi explorado inicialmente a partir do paradigma naturalista, relacionando as questões biológicas do homem a uma perspectiva meramente sexual-biológica, enfatizando este como possuidor do elemento físico do qual as mulheres são desprovidas, o órgão sexual masculino: pênis. Assim, com essa visão, houve certa institucionalização por meio de teorias acadêmicas caracterizando tanto a personalidade do homem quanto suas ações, restritamente por seus elementos físicos. Desta forma, sua diferença com as mulheres encontra-se proveniente em seu sistema.

Posteriormente, surgiram as concepções psicanalíticas oriundas dos trabalhos de Freud e seus seguidores, que compreendiam o desenvolvimento da masculinidade e da sexualidade a partir da relação em tríade “pai-mãe-criança”, o qual chamou “Complexo

de Édipo”. Então, o desfecho desse complexo seria o responsável pela constituição do sujeito.

Já a Psicologia Social apresentou a teoria dos papéis sociais e sexuais. Como homem e mulher são diferentes, sua concepção é a de que ambos devem adotar práticas e papéis distintos. Esse pressuposto foi base para constituição da hierarquia entre homens e mulheres, também por afastar homens da vida doméstica e distanciar as mulheres do ambiente acadêmico e profissional por muito tempo.

Connel (1995) critica o frágil embasamento dessas teorias, visto que a concepção biológica-naturalista aborda o tema a partir do reducionismo binário do sexo biológico. Afirma também que a hipótese psicanalítica era frágil tendo em vista que seu modelo correspondia a entender a família nuclear, heterossexual e monogâmica, além de discorrer sobre o fato que, durante muito tempo, a homossexualidade foi tratada como uma psicopatologia por diversos autores.

Quanto à Psicologia Social, a autora argumenta que essas elaborações a respeito da teoria dos papéis impõem uma condição complementar para um “bom funcionamento” do casamento heterossexual, já que para um todo funcionar seria necessário cada um fazer sua parte ou cumprir o seu papel. Nesse sentido, os papéis sexuais seriam como uma ressignificação social e cultural ligada ao sexo biológico. Para ela, essa visão coloca a família como um núcleo neoliberal em prol dos interesses do capitalismo, visto que a divisão dos papéis atende interesses econômicos e políticos, uma vez que se associa à divisão de trabalho nas fábricas. Deste modo, a mulher seria responsável pelas funções de cuidado e gerenciamento doméstico, enquanto o homem assumiria a função do trabalho e provisão do lar.

Contudo, o principal problema dessas teorias é a redução do conceito de gênero ao sexo e aos papéis binários, sem considerar outras variáveis para além dos binarismos, e que envolvam estudos sobre a etnia, classe social, composição familiar, cultura, entre outros.

De acordo com ela, esses estudos reducionistas ignoram as subjetividades de homens gays, negros ou pertencentes à classe social baixa, pois desconsidera o entorno dessas masculinidades. Nesse ponto, observa a existência de uma política sexual para além dos padrões de que a heterossexualidade é vista como normal e a homossexualidade como um desvio, pensamento proposto por concepções anteriores (Connel, 1995).

2.1 A teoria social de masculinidades

Compreende-se por masculinidades um conjunto de práticas e configurações sociais que moldam as relações de gênero por meio de diversas representações sociais em torno do “ser homem”. O termo colocado no plural “masculinidades” indica que a expressão da subjetividade pode ocorrer de variadas formas, uma vez que se desenvolve intermediada pelos processos de identificação que variam de cultura para cultura; logo o significado de “masculinidade” é diferente nos diversos contextos em que este sujeito possa estar inserido.

Nesse sentido, Connel (1995) afirma que há um pensamento importante na construção do conceito de masculinidades que é romper com a lógica binária de masculino e feminino, heterossexual e homossexual, já que há inúmeras possibilidades de expressão da subjetividade. Para a autora, gênero é transitável e tende a ser construído à medida que atende interesses políticos e sociais, e surge a partir do entorno relacional, social, cultural e histórico em que se vive.

É importante observar que as masculinidades têm caráter formador de modelos de referência, são articuladas a partir do sujeito e encontram-se em ininterrupta adaptação frente às demandas relacionais.

Para tanto, é primordial que se tenha cautela em tentar constituir um único conceito delas, devendo-se levar em consideração outros sistemas e organizações sociais, como a classe social, a cultura nacional, nacionalidade, época de geração, a etnia, entre tantas outras estruturas relevantes e que, de maneira alguma, podem ser anuladas dentro de uma perspectiva histórica.

Em concordância, Kimmel (1998) expõe que masculinidades são construções sociais e variam: de cultura para cultura; numa mesma cultura a depender de um período de tempo; numa mesma cultura a depender de outras variáveis ligadas a outros fatores, como é o caso da orientação sexual; e por fim, no decorrer da vida individual de um sujeito.

Corroborando com o conceito de Connel, a autora Pelúcio (2016) destaca a dificuldade em conceituar as masculinidades contemporâneas e ressalva que uma possível definição seja um modelo de masculinidade que experimente as tensões atuais a respeito das discussões sobre gênero, que possuam legados das pautas feministas e que expressem as relações entre masculinidade e feminilidade para além do biológico, representando os conceitos de subjetividade, da sexualidade e de gênero enquanto construções sociais.

O argumento central da teoria de Connel (1995) é que há vários modelos de masculinidades que dialogam entre si, porém em cada contexto cultural existe um ideal de masculinidade, o qual chamou de masculinidade hegemônica. Essa concepção trata-se de um projeto ao qual homens e mulheres dialogam e têm como referência. Assim, esse ideal é buscado por homens e desejado pelas mulheres. É importante destacar que na concepção da autora esse ideal não existe, mas funciona como uma meta a ser alcançada. Sendo assim, uma vez que há na cultura um perfil hegemônico, há também as masculinidades subalternas, que se constituem de subjetividades diferentes do referencial idealizado.

Essa hegemonia pode ser observada em duas formas: a primeira sendo uma hegemonia interna, em que na relação entre homens as masculinidades hegemônicas e subalternas dialogam e se excluem; e a segunda forma é a hegemonia externa, que na relação entre homens e mulheres pode haver rejeição à feminilidade, tendo origem ao que remete ao patriarcado.

Connell e Messerschmidt (2013, p. 267) observaram que a masculinidade hegemônica deve ser investigada em três esferas distintas, sendo elas:

1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida;
2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e
3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização.

À luz disso, a autora observou que há uma referência global de masculinidade hegemônica, contudo, há ainda os modelos regionais e locais, os quais apresentam ideais a serem perseguidos pelos homens. Deste modo, para ela, a concepção do que é uma masculinidade hegemônica precisa ser observada a partir de um grupo específico, considerando o que é hegemônico em uma determinada cultura.

Argumentando sobre a hegemonia nas relações, Connell e Messerschmidt (2013) afirmam que ao homem foram atribuídas características pautadas na agressividade, racionalidade e virilidade, bem como a capacidade de praticar um esporte, ou mesmo trabalhar ferido ou doente, alimentando fantasias de onipotência. Desse modo, a masculinidade hegemônica é vista como superior e, geralmente, constrói-se em torno de fantasias de um homem idealizado, muito distante do real.

Corroborando com esse pensamento, Sabat (2001) demonstra que a masculinidade hegemônica remete ao comportamento masculino de força, agressividade e heterossexualidade, que implica não apenas um modelo superior ao feminino, mas igualmente superior a outras manifestações de masculinidades.

Nesse sentido, observando o cenário contemporâneo brasileiro, Pelúcio (2020) compreende que o contexto social conservador reforça modelos históricos de masculinidades desejáveis, ou tidas como ideais, modelos esses que são associados aos esportes, ao profissional independente e ao sujeito agressivo, mas honesto. Para a autora, esse modelo expressou-se recentemente na sociedade por meio da escolha política nas eleições presidenciais, no ano de 2018.

A autora destaca, ainda, o binarismo contido no movimento social conservador quando menciona a fala da ex-ministra da cidadania “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, que evidencia uma reprodução social acerca das expectativas para meninos e meninas (PELÚCIO, 2020). Essa fala expressa, ainda, todo um entorno político e social que favorece a construção de masculinidades, cuja referência é ancorada em pressupostos essencialistas. Cabe aqui salientar que o discurso apresentado mostra que para essa frente de governo, o “vestir azul” corresponde a um referencial de masculinidade heterossexual.

Deste modo, compreendi que as masculinidades hegemônicas podem ser múltiplas, a depende do período histórico, cultural, contexto geográfico, étnico racial, familiar, entre outros. Tal multiplicidade dá-se em variados contextos, de cunho cultural e institucional, demonstrando que a hegemonia acontece ao passo que certas masculinidades se apresentam mais centrais à sociedade, servindo assim como fundamentação para outras.

Ressalta-se, ainda, que essa hegemonia não é concebida por meio da força, mas por uma conciliação relativa à cultura, bem como por discursos predominantes e legitimados, produzindo a segregação da mesma forma que a anulação das demais masculinidades.

Mediante o que foi apresentado nesse capítulo, faz-se imprescindível mencionar que Pelúcio (2020) conceitua igualmente a masculinidade hegemônica como um projeto que é idealizado por homens e admirado por estes e pelas mulheres. A autora, que também é pesquisadora de relações mediadas por mídias digitais, pontua que, diante desse ideal de masculinidade hegemônica, muitos homens têm buscado as mídias digitais para se tornarem homens ideais.

Pelo exposto, minha hipótese é que há uma pedagogia de masculinidades operando pelos usos das mídias digitais como construção de conteúdo dirigido a homens. Essa pedagogia, vislumbrada pela plataforma do *Entre eles*, dialoga com um projeto de masculinidades, nos termos de Connel (1995), que parece demonstrar uma relação entre o que é considerado como masculinidade saudável, informada pelo *Entre eles*, e o que é considerado por essa rede de homens que fazem parte da construção de conteúdos, como masculinidade tóxica.

Esse pensamento se sustenta por meio de um dado já apresentado de que o *Entre eles* é uma empresa do ramo educacional que possui sociedade entre um homem e uma mulher, ambos produtores de cursos e conteúdos digitais para homens e mulheres. Esse grupo de seguidores que busca os cursos dessas páginas compõe um nicho cujo modelo de masculinidade apresentado aos homens no *Entre eles* é igualmente discursado pelas mulheres desse grupo como sendo uma masculinidade admirável e desejada. Na mesma direção, os referenciais apresentados sobre a feminilidade para as mulheres dizem respeito ao perfil de mulheres que os homens devem buscar, ou seja, mulheres que, segundo eles, são “desconstruídas do machismo”.

É possível observar que esse grupo de homens e mulheres parece negociar perfis desejáveis de masculinidades e feminilidades, já que são existentes na cultura e comunicados por essas mídias. Dessa maneira, há aspectos discursivos que correspondem aos interesses desse grupo e que apresentam o que é ser o homem ideal para a mulher ideal. Em outras palavras, masculinidade e feminilidade são construções sociais que se dão na relação. Então esse modelo de masculinidade saudável apresentado só é hegemônico na medida em que é admirado não apenas por esse grupo de homens, mas também por um grupo de mulheres que estimam e desejam esse perfil de masculinidade.

A partir do que foi apresentado, o terceiro capítulo tratará do perfil de masculinidade hegemônica para essa rede. Já no quarto capítulo, serão elucidadas as relações de gênero por meio do projeto de masculinidade que dialoga com a feminilidade nos moldes apresentados pelo *Entre eles*.

3 “ENTRE ELES”: O DISCURSO DA MASCULINIDADE SAUDÁVEL

Neste terceiro capítulo, abordarei como se formam socialmente os discursos em torno de temas que circulam na cultura de um grupo. Adotarei aqui a perspectiva de Michel Foucault na obra “A ordem do discurso”, texto pronunciado em sua aula inaugural do Colégio da França, quando substituiu o professor titular Jean Hyppolite em 1970.

Nesse texto, Foucault (1996) aborda reflexões importantes sobre o conteúdo do discurso e os dispositivos que o cercam. Afirma que o ato de discursar envolve uma tensão em quem fala, pois o discurso e também o seu entorno não são neutros, ao contrário, são vigiados por quem ouve. Nos diferentes ambientes onde um interlocutor discursa há regras e normas que delimitam o que pode ser dito, ouvido e o que não pode ser dito. Desta maneira, o discurso não delega o protagonismo apenas a quem fala, mas também a quem ouve.

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

O autor insere ainda na reflexão o fato de que nem tudo pode ser dito, nem mesmo uma verdade pode ser contada em qualquer contexto, ou seja, os sujeitos não podem falar qualquer coisa em qualquer lugar.

Nesse mesmo sentido da regulação do discurso, o autor exemplifica o poder ao conceituar a loucura, pois assegura que o louco é aquela pessoa que tem o seu discurso rejeitado, excluído e não pode ser ouvido: “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros [...] era por meio da palavra que se reconhecia a loucura do louco” (FOUCAULT, 1996, p.10-11). Em outras palavras, o louco é aquele que as instituições sociais não foram capazes de regular, é uma pessoa livre.

Segundo o autor, a exclusão do louco no passado materializa-se até mesmo nos dias atuais com a institucionalização da loucura. Socialmente os loucos permanecem com os seus discursos rejeitados. Estes são ouvidos apenas nos consultórios médicos, psiquiátricos, psicológicos e de psicanalistas. Deste modo, há lugar e há contextos onde o discurso do louco pode circular, assim como todos os discursos (FOUCAULT, 1996).

Foucault (1996) assegura ainda que os conteúdos mais regulados socialmente são os discursos de sexualidade e de política, ambos considerados tabus. Com isso, é imposta uma “interdição” sobre esses assuntos, visto que desejam excluir essas temáticas e controlar as pessoas.

Esses conceitos apresentados foram fundamentais para levantar reflexões sobre o campo de pesquisa deste estudo, uma vez que verifiquei que há restrições nos temas sexualidade e política. Desta maneira, esses discursos continuam sendo vigiados e devem pertencer exclusivamente a grupos restritos, para que possam circular livremente nesse espaço contido.

Primeiramente, pretendi expor a regulação nos discursos sobre a sexualidade, já que compreendi que a rede de homens que se estabelece no grupo *Entre eles* é fechada, pois fazem poucos comentários que podem ser acessados publicamente, e as maiores interações sobre sexualidade acontecem em momentos restritos para que, com isso, não tenham suas masculinidades questionadas.

Em termos mais amplos sobre a subjetividade, visualizei também uma rede de homens fechada no sentido da rejeição que há em torno do que não consideram masculinidade saudável, que será ainda apresentada nessa pesquisa.

Também, em concordância com Foucault (1996), pude observar no campo de pesquisa a regulação que há em face dos discursos sobre política.

Durante o período de coleta de dados, o Brasil e o mundo enfrentavam uma de suas maiores crises sanitárias da história: a pandemia da Covid-19. Essa crise de saúde, embalada por uma crise social e política, fomentou vários posicionamentos polarizados nas mídias digitais entre os apoiadores e críticos do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Dentre tantas críticas ao ex-presidente, um dos motivos que alegavam os críticos eram os atrasos na compra de vacinas da Covid-19.

Nesse contexto, em julho de 2021, Lucas Ribeiro postou uma foto no Instagram do *Entre eles* recebendo a primeira dose da vacina, com escritos de agradecimento à ciência e com os dizeres: “*Fora Bolsonaro! Machista retrógrado, ultrapassado e desumano.*”

Essa publicação destacada acima repercutiu vários comentários de elogios e concordância com o posicionamento de Lucas, principalmente realizados por mulheres, mas havia também homens manifestando-se favoráveis aos escritos. No entanto, outros criticaram o posicionamento político expresso, mostrando serem apoiadores do presidente da república e, assim, referiram-se a Lucas como um “*petralha*” (termo

pejorativo para se referir às pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores – PT). Por isso, muitos deles assumiram uma postura mais severa e radical quando afirmaram que até gostavam da página *Entre eles*, mas que a partir desse posicionamento deixariam de segui-la no Instagram.

Houve ainda outros momentos em que Lucas posicionou-se contrário ao ex-presidente e as falas dele receberam curtidas pelo seu posicionamento, mas também existiram muitas críticas, o que ocasionou muitas perdas de seguidores nas mídias digitais.

Obviamente o foco desta pesquisa é o campo do gênero e da sexualidade, mas seria impossível abordá-la de modo neutro, uma vez que assumi um ponto de vista de que, nos termos de Butler (2003), o gênero é uma construção social e, portanto, política.

Esta pesquisa se desenvolveu em um momento no qual a sociedade brasileira sofria forte influência do movimento conservador. Assim, o ex-presidente Jair Bolsonaro, representante da política de direita, por várias vezes utilizou as mídias digitais para propagar discursos como sendo “defensor da família”, “da moral e dos bons costumes”, sempre crítico à subjetividade das minorias e das pessoas LGBTQIA+. O ex-presidente sempre manteve um posicionamento que remetia à ideia de uma masculinidade hegemônica, como sendo um homem durão, forte, atleta, que tinha controle das próprias emoções, não mostrava suas fragilidades, e até mesmo um homem que era “imbrochável”, quando puxou esse coro diante de uma multidão no dia 07 de setembro de 2022.

Nesse sentido, é importante destacar que as mídias do *Entre eles* anunciam um discurso de masculinidade que se opõe a esse contexto social endossado por Bolsonaro e seus apoiadores. Apesar de essa rede ser “aberta” no sentido de que qualquer pessoa pode começar a seguir a página do Instagram e acessar seus conteúdos, possui uma forma de relacionamento fechada, uma vez que nem todos os discursos podem ser ditos em qualquer contexto.

Sendo assim, discursar uma masculinidade saudável em oposição ao modelo de masculinidade apresentado no contexto político conservador representa para o *Entre eles* perder seguidores no Instagram e também ser rejeitado ou atacado por críticas nos comentários de suas publicações.

Outro fato que chamou a atenção foi que a empresa *Entre eles* iniciou suas atividades no ano de 2018, mesmo ano em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente da república. O contexto social desse período indicava um forte movimento conservador de

direita que representava um modelo de masculinidade, considerado por Lucas como machista e opressor, tanto para homens quanto para mulheres.

Desta maneira, analisei que o *Entre eles* possui um projeto político de oposição ao ex-presidente, pois busca inserir discursos em termos de gênero e subjetividades que se opõem aos referenciais disseminados por Bolsonaro.

Uma vez exposto sobre a regulação dos discursos, abordarei outro aspecto: a credibilidade do discurso. Nessa direção, Foucault (1996) afirma que os discursos apresentados como verdadeiros eram aqueles que veiculavam por meio da figura de um autor importante, de renome. Entretanto, esse tipo de valorização do discurso modificou-se com o tempo, passando a ser considerado um discurso de valor a partir da coerência.

Assim, os discursos e suas formas de compreensão se modificam a partir das interferências sociais, porque para ser considerado um discurso verdadeiro ele deve submeter-se às regras do entorno do qual faz parte, caso contrário, será rejeitado e tido como falso.

De acordo com Foucault (1996, p. 27-28), o autor é uma importante figura no discurso, não é o criador do conteúdo apenas, mas é igualmente dono do estilo e da metodologia utilizada para comunicar ou discutir algo:

pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer.

Sobre o dono do discurso, Foucault (1996) afirma que o autor é pessoa relevante para dar credibilidade a esse discurso e também coerência. Assim, analisarei mais adiante nesse trabalho o discurso de Lucas Ribeiro, como ele se apresenta e faz o próprio marketing.

O autor do discurso deve ser observado a partir do entorno social e cultural de sua época, pois alguns discursos que comunicam uma verdade podem não ser considerados verdadeiros devido às regras vigentes do período no qual é comunicado.

Por meio desse pensamento, o discurso apresentado de uma masculinidade saudável pelo *Entre eles* é aceito por essa rede de homens como sendo verdadeiro, mas pode ser considerado falso e rejeitado por um contexto social conservador. Sendo assim, os discursos em oposição se relacionam, dialogam e se excluem, nos mesmos termos de

Connel (1995), para considerar o hegemônico e subalterno. Ou seja, no contexto social e cultural em que vivemos, há vários discursos sobre masculinidades que estão circulando, ambos se relacionam com os demais numa dialética, de modo que cada grupo se apropria de um desses referenciais.

Na obra de Foucault (1996), outro aspecto importante a ser levantado é a classificação de dois tipos de discursos: os que são ditos no cotidiano e os que permanecem veiculados permanentemente fazendo o uso da literatura, da ciência e da religião. Porém, segundo o autor, os discursos comunicados no cotidiano não devem ser menosprezados, visto que são repetidos e carregam significados permanentes na cultura.

Em análise no campo desta pesquisa no *Entre eles*, verifiquei que, enquanto uma mídia digital educacional compõe um tipo de literatura permanente, há e-books e videoaulas que comunicam discursos sobre o que é uma masculinidade saudável, mas também pode haver discursos ressoados no cotidiano.

Lucas sempre reforça que seus alunos e seguidores do Instagram devem instigar outros homens sobre uma mudança de comportamento e a transformar suas masculinidades assumindo modos mais saudáveis, isto é, há discursos no dia a dia que pretendem expandir a cultura anunciada por eles.

Outro ponto anunciado por Foucault (1996) é que os discursos devem seguir rituais. Assim, a maneira como são proferidos envolve atitudes, comportamentos com a finalidade de qualificar o discurso e mostrar o quanto esse é importante. Os rituais são constatados nas cerimônias acadêmicas, religiosas, políticas e também nos sistemas jurídicos.

Observei que os rituais seguidos pelas mídias do *Entre eles* seguem os mesmos padrões do campo educacional, como aula inaugural gratuita, abertura de inscrições, período de matrículas, aulas, e-books, supervisão e orientações com mentoria, entre outros.

Segundo o mesmo autor, alguns discursos transitam num grupo muito restrito, seletivo de pessoas, consideradas sociedades do discurso, em que as exposições geralmente orais ficam compreensivas apenas aos intelectuais, o que os segregam e os diferenciam dos demais.

Portanto, muitos dos discursos presentes no *Entre eles* permanecem públicos e anunciados a quem segue a página na internet, porém são segregados a essas informações as pessoas mais vulneráveis na questão socioeconômica, principalmente aquelas que não conseguem acesso à internet, a um smartphone e que não conhece a

página do Instagram. No geral, visualizei também que as pessoas que não possuem condições de investir nos cursos pagos do *Entre eles* acabam tendo também restrição a alguns dos discursos anunciados na página.

Ainda, segundo Foucault (1996), todo discurso é ideológico, já que não demonstra os temas como de fato são em sua concretude, mas o que foi imposto socialmente sobre esse conteúdo discursivizado. Para ele, antes mesmo de um discurso ser comunicado ele já é uma ideia que existe, um tema que tramita na cultura e na sociedade, um desejo, um sentido que apenas será apresentado verbalmente por meio de signos. Ressalta que as manifestações sobre um mesmo discurso são heterogêneas, visto que há regras e princípios diferentes num mesmo tempo de uma sociedade que fazem com que o conteúdo comunicado tenha vários significados nos grupos sociais em que ressoam.

Contudo, cabe ressaltar que o discurso de masculinidade apresentado pelas mídias digitais do *Entre eles* está inserido num contexto que não foi criado por Lucas Ribeiro, mas que já existe.

Os feminismos, as mudanças ocorridas na sociedade, as influências do capitalismo nas relações de gênero, todo esse contexto promoveu mudanças em torno do que se compreende por masculinidades. Dessa maneira, o discurso de Lucas já é preexistente na cultura para que os homens e as mulheres vivam relações mais igualitárias.

Foucault (1996) analisa, ainda, os poderes que os discursos possuem, como se formam, como eram ditos no passado e no presente, e a maneira como a sociedade se apodera deles para gerenciar os fazeres de uma determinada cultura. Sobre a sexualidade, destaca que o silêncio exercido era uma forma de poder e, posteriormente, a medicina e outras instituições sociais passaram a nomear, classificar, hierarquizar, de modo mais claro, os padrões hegemônicos, expressando ali o poder.

O autor afirma que toda educação é uma maneira política, afinal por intermédio dos discursos estabelecidos na proposta educacional é que se concentram os poderes. Desta maneira, observa que o sistema de ensino é uma forma de ritualizar a palavra, os discursos e as práticas de uma sociedade (FOUCAULT, 1996).

Por meio disso, compreendi que o *Entre eles* discursa sobre sexualidade num cenário em que ainda é tratada por muitos como tabu, mas num contexto social atual de maior liberdade que no passado. Além disso, cabe ressaltar que a proposta educacional

oferecida por essas mídias digitais não deixa de concentrar o poder, visto que Lucas é quem determina o que pode ser dito e em que contexto pode ser dito.

Diante do exposto, notei que as mídias digitais são importantes dispositivos que contribuem para a disseminação de discursos que formam subjetividades. Nesse cenário, faz-se imprescindível o conceito de Butler (2003) acerca de gênero, já que ela demonstra que são práticas performativas que se formam por meio dos discursos, da linguagem e das relações.

Para a autora, o gênero é discursivo, construído por meio de repetidos discursos sociais que atribuem significados e sentidos aos modos de ser. Pensar gênero é pensar em performance e discurso, por esse motivo não há identidade ou essência no sujeito, visto que gênero é instável e transitório a depender do momento histórico e contexto cultural. Além do mais, gênero e o próprio corpo são regulados politicamente e tomados enquanto construções sociais.

Nos termos de Foucault (1996), os processos de subjetivação se formam em expressões da história e da cultura de uma época. Logo, compreendi a formação subjetiva a partir do entorno político, social, científico, tecnológico, econômico, religioso, dentre uma série de outros fatores que entrelaçam os sujeitos na constituição de suas subjetividades.

Discorrer sobre práticas discursivas não envolve apenas pensar os conteúdos que são falados, mas também os significados que são atribuídos na vida social e subjetiva das pessoas. Assim, gênero é discurso, gênero é prática, gênero é performance.

Desse modo, é importante destacar que na rede *Entre eles* transitam discursos que possuem a finalidade de construir subjetividades, práticas e performances em termos de gênero. Os conteúdos comunicados nessa plataforma buscam criar um novo referencial de “homem ideal”, sobretudo porque tentam desconstruir homens que têm suas subjetividades ligadas a modelos conservadores e construir novos referenciais de masculinidades tidas como saudáveis, mediante os repetidos discursos que veiculam em suas mídias.

3.1 Mídias digitais do *Entre eles*

3.1.1 O site

O *Entre eles* é um site no qual se discute a desconstrução do machismo por intermédio da sexualidade positiva, a qual traz algumas perspectivas que envolvem caminhos mais acolhedores e prazerosos. Em síntese, a plataforma trata de ampliar o

repertório de sexualidade e prazer dos homens, de modo individual ou até mesmo em suas relações.

O coordenador e mentor é Lucas Ribeiro, que se intitula como sendo “apaixonado pelo processo de transformação humana”. Ao criar o projeto *Entre eles* em 2018, afirma que seu objetivo era levar aos homens aquilo que era visto como a desconstrução do machismo e a construção de uma masculinidade saudável, por meio da sexualidade positiva.

Ao se apresentar, Lucas, que é carioca, afirma que trabalhou até 2017 como diretor imobiliário, tinha uma jornada de trabalho de 12 horas por dia, não possuía hábitos saudáveis, definia-se como sendo viciado em pornografia e um “macho escroto”. Num dado momento, sentiu necessidade de mudar de vida e adotar perspectivas mais saudáveis, por isso diz ter “buscado sua casa, seu coração e o lugar que gostaria de estar”. Assim fundou o *Entre eles* na tentativa de “criar um espaço de acolhimento para sua dor e a dor dos homens”.

Lucas morava em São Paulo e, após conhecer sua esposa Maria Júlia, que é terapeuta orgástica e também produtora de conteúdo digital, mudaram-se para Garopaba – Santa Catarina afim de estarem mais próximos da natureza, demonstrando interesse em viver outras experiências como perceber os ciclos da natureza, plantar uma semente, acompanhar o processo, o desenvolvimento e experimentar novas vivências. As imagens disponibilizadas nas mídias pessoais e do *Entre eles* indicam que Lucas aparenta ter boa condição de vida, mobilidade e acesso a estilos de vida diferenciados em decorrência de sua classe social.

O site *Entre eles* apresenta a plataforma como um espaço de convivência entre homens que desejam desconstruir as percepções adversas sobre si, as características insensíveis acerca da relação conjugal, melhorar a sexualidade e a relação entre pais e filhos. Assim, o *Entre eles* é:

Um site que tem por objetivo construir uma rede de homens dispostos a desconstruir-se do machismo, viver uma sexualidade melhor e mais prazerosa, construindo novas perspectivas acolhedoras de si mesmo e do outro (ENTRE ELES).

Desse modo, Lucas Ribeiro propõe uma troca de experiências, relatos e cursos que favoreçam a vivência de uma masculinidade saudável por parte de seu público. O conceito que parece ter o maior destaque na plataforma é o que seu autor chama de “sexualidade positiva”.

As imagens e signos que aparecem no site remetem a modelos de masculinidades expressos em homens livres, alegres e sorridentes, dispostos a refletir sobre as questões de poder envolvendo gênero, e também masculinidades sensíveis a conhecer as mulheres, o corpo da mulher e dispostos a relações sexuais que proporcionem prazer a sua parceira. Uma das imagens sugere um homem estudando o órgão sexual feminino, este representado na imagem de um livro. Outra imagem pode representar o que para o autor seria uma sexualidade não positiva, um elemento da masculinidade tóxica; nesta imagem há um homem de semblante frustrado segurando uma boneca inflável, talvez frustrado pelas expectativas fantasiosas advindas da indústria pornográfica. Outra imagem retrata animais próximos a uma mulher com roupa curta, todos admirando-a obcecadamente.



Figura 1: Imagens retiradas da home page do *Entre eles*.

O site conta com sete abas, sendo elas: Home; Conheça o *Entre eles*; O que oferecemos; Agenda; Curso On-line; E-book; e Contato.

A aba “Home” possui um vídeo intitulado “Homem não chora” em que seu criador reflete sobre esse mito. “Conheça o *Entre eles*” apresenta o objetivo do site e um breve histórico de seu fundador Lucas Ribeiro. “O que oferecemos” direciona a opções “para você” e “para empresas” com perspectiva de discussão das relações de multiciência de gêneros no ambiente corporativo. “Agenda” descreve os próximos eventos disponíveis.

“Curso on-line” abre opções “inscrição no curso on-line”, “minicurso gratuito” e “acesso às aulas”. Por fim, o site da opção de cadastrar-se para receber o “e-book” e “contatos” (ENTRE ELES).

No site há “*Entre eles* nas mídias” que mostram canais de tv e mídias digitais que discutem ou apresentam a proposta do *Entre eles*. Consta também “*Entre eles* nas empresas” com as logo marcas das empresas que firmaram algum tipo de parceria.

Ainda, na página inicial no item “Inspiração”, há o link do documentário “O silêncio dos homens” produzido por outra mídia digital do mesmo seguimento que o *Entre eles*, em que há relatos de uma pesquisa com mais de 40 mil pessoas abordando os processos de mudanças dos homens. Em seguida há outro documentário “A máscara em que você vive” que aborda a temática da criação de meninos e homens com masculinidades saudáveis. Por fim, há um filme “Eu não sou um homem fácil” que conta a história de um homem machista que acorda em um mundo dominado por mulheres e prova da própria experiência.

Na aba “Sobre o Entre eles”, a descrição acrescenta:

Um site que tem por objetivo construir uma rede de homens dispostos a desconstruir-se do machismo, viver uma sexualidade melhor e mais prazerosa, construindo novas perspectivas acolhedoras de si mesmo e do outro, diálogos, amizades, vínculos, e rede de apoio para homens (ENTRE ELES).

Sobre Lucas Ribeiro (o fundador):

Lucas Ribeiro é uma pessoa que se interessa pela temática das masculinidades e da sexualidade. Passou boa parte de sua vida vivendo uma subjetividade que definia como tóxica, dedicava-se excessivamente ao trabalho, mas não tinha uma boa relação consigo mesmo e com a família. Após compreender que sua missão de vida era trabalhar com homens sofrendo em decorrência do machismo e de uma sexualidade ruim, fundou o *Entre eles* com a perspectiva de proporcionar uma rede de apoio para auxiliar os homens a construírem uma masculinidade saudável e uma sexualidade melhor e mais prazerosa.

Na aba “o que oferecemos para você” há a descrição de um curso: “Tudo o que você precisa aprender sobre sexo e sexualidade⁸”. A proposta apresentada é refletir sobre a aprendizagem do sexo e da sexualidade, desde a infância até os referenciais adultos machistas e pornográficos. O curso se propõe a indicar novas perspectivas em um espaço de conversa íntima sobre as questões dos homens, num ambiente acolhedor, sem competições e sem verdades absolutas.

Há também um curso on-line “Sexualidade e subjetividades saudáveis”, que propõe auxiliar homens por meio da troca de experiência a descobrir caminhos para a vivência e expressão de uma masculinidade mais saudável, conectando o homem aos seus sentimentos, emoções, despertando uma experiência sexual mais prazerosa e com menos ansiedade, ampliando seu potencial sexual e orgástico do corpo.

Na aba “o que oferecemos para empresas”, há uma descrição de ofertas de palestras e workshops corporativos que objetivam a inserção da missão e valores do *Entre eles* no universo empresarial. Neste espaço, o *Entre eles* é apresentado como um aliado às empresas na busca por transformação social, igualdade e equidade de gênero no âmbito corporativo, incentivando a diversidade de experiências e culturas, tornando o ambiente de trabalho mais inclusivo. Alguns temas são colocados em destaque: relações de gênero e orientação sexual no ambiente de trabalho; bem-estar e prazer no ambiente corporativo; os problemas do machismo para homens e mulheres; masculinidade tóxica e saudável; sexualidade e trabalho; paternidade e o trabalho; pornografia e o ambiente de trabalho; privilégios e as desigualdades sociais.

Na aba “Curso on-line”, há um minicurso gratuito intitulado “Vício em pornografia e os problemas com a ejaculação rápida” e dispõe dos seguintes módulos: “Aula 1: Aprendendo pela pornografia”; “Aula 2: Distância entre a fantasia e o real”; e “Aula 3: “Reconstruindo o sexo a partir de novas perspectivas”.

No primeiro semestre de 2021, o curso oferecido foi “Sexualidade e Masculinidade”, que se propunha a auxiliar homens, por meio da troca de experiências, a descobrir caminhos para a vivência e expressão de uma masculinidade mais saudável, conectando o homem aos seus sentimentos, emoções, despertando experiência sexual mais prazerosa e com menos ansiedade, ampliando seu potencial sexual e orgástico do corpo.

⁸A fim de garantir a confidencialidade da plataforma e seu mentor, os nomes dos cursos citados são fictícios.

Durante o mês de junho, o *Entre eles* ofereceu o “Curso Conectados”, em parceria com outra mídia digital que produz conteúdos para mulheres, o curso é direcionado para casais que desejam melhorar sua relação no âmbito sexual e também de convivência.

O e-book oferecido gratuitamente recebe o título “Aprendendo o sexo”. Conta com uma introdução que remete ao referencial pornográfico presente na formação de homens e da expectativa destes sobre o sexo. Em seguida, aborda temáticas de mitos envolvendo o sexo como: a preocupação com o tamanho do pênis; a crença de que sexo é apenas a penetração; que trocas afetivas e preliminares não são importantes; que o ideal é masturbar-se antes da relação sexual afim de prolongar o sexo; e não utilizar lubrificantes ou acessórios que possibilitem o prazer feminino; sobre o *Entre eles*.

3.1.2 Facebook

O perfil do Facebook possui publicações idênticas ao conteúdo veiculado no site: posts em texto e em vídeos de enfrentamento ao machismo e à masculinidade tóxica; incentivo à vivência de uma masculinidade saudável e uma sexualidade positiva; formas de melhorar o relacionamento conjugal e com os filhos; e a divulgação de cursos. A rede possui pouco mais de 2 mil seguidores, é avaliado com 5,0 estrelas, avaliação dada por quatro pessoas. Há poucas interações como curtidas e comentários. Evidentemente, este não é o principal meio de comunicação entre o interlocutor e sua rede.

3.1.3 Instagram

Essa rede é a principal forma de comunicação entre o mentor da plataforma e seus seguidores. O perfil tem 87,4 mil seguidores, aproximadamente 400 publicações entre textos e vídeos que abordam as mesmas temáticas veiculadas nas outras redes do *Entre eles*. O Instagram é utilizado para realização de *lives* com convidados que discutem os temas abordados por Lucas. Durante o ano de 2021, foram realizadas várias *lives* com os temas: ejaculação precoce; masturbação saudável; vício em pornografia; prazer feminino; vibrador feminino; masculinidade bem sucedida; masculinidade tóxica; objetificação da mulher; sentimentos; paternidade; relacionamento conjugal; rede de apoio para homens; dentre outros.

Compreendi o Instagram como uma rede na qual os conteúdos são apresentados e refletidos de maneira introdutória para divulgar e instigar os seguidores a se inscreverem nos cursos pagos que acontecem em plataforma com link restrito.

3.1.4 Youtube

Essa rede possui 1,43 mil seguidores inscritos no canal. Há apenas três vídeos postados: “Emoções dos homens”; “Dê um fim ao machismo”, e “Inscrições abertas: Sexualidade e Masculinidade”. O Youtube é utilizado para *lives* e aulas ao vivo nos cursos restritos, em que os links são disponibilizados mediante inscrição e pagamento e o conteúdo não fica acessível gratuitamente na plataforma.

No mês de outubro de 2021, foi iniciado um curso gratuito na plataforma Youtube, intitulado “Capacidade Masculina”, composto por três aulas ministradas nos dias 26, 27 e 28 com abordagem dos temas: “Masculinidades e Sexualidade,”. O curso foi divulgado nas mídias digitais do *Entre eles*, Instagram, Facebook e, de acordo com Lucas Ribeiro, teve aproximadamente 2.000 inscritos, porém, no momento da transmissão, o maior número de participantes assistindo ao vivo a primeira aula foi de 271 usuários. Na manhã seguinte a aula foi disponibilizada em gravação por 24 horas, e próximo do horário em que o link seria expirado, observou-se que a primeira aula teve 1,3 mil visualizações. A segunda aula do curso ocorreu no dia 27 de outubro de 2021 atingindo o número máximo de 206 usuários visualizando ao vivo. No dia seguinte, com o link disponível por apenas 24 horas a aula atingiu 834 visualizações. A terceira que ocorreu no dia 28 de outubro teve uma média de 300 visualizações ao vivo e 831 visualizações posteriores.

As aulas transmitidas pelo canal do Youtube possuem maior qualidade e profissionalização e também há uma equipe de produção.

3.1.5 Grupo de Whatsapp

Como já mencionado na introdução desse trabalho, em fevereiro de 2021, a equipe de suporte do *Entre eles* criou grupos de Whatsapp para divulgar link de um curso sobre masculinidade saudável. Esse grupo teve por finalidade o envio de links das aulas e também estimular o diálogo entre os homens. As inscrições para o curso foram realizadas pelo Instagram, e o link do grupo de Whatsapp foi enviado por essa rede social.

Um fato que merece destaque é que quatro mulheres foram identificadas no grupo do qual eu fazia parte, e foram avisadas que seriam removidas por se tratar de um espaço privado a homens. O argumento delas é que seus parceiros não tinham celular, e que o objetivo da presença ali era colher as informações para passar posteriormente aos companheiros, porém, ainda assim, foram removidas do grupo.

Nos primeiros dias, apesar de tímida, houve participação de alguns integrantes conversando entre si sobre as aulas que eram apresentadas nesse período por Lucas. Alguns participantes falaram sobre as dificuldades no sexo como problemas de ereção, ejaculação precoce e vício em pornografia. Outros argumentavam com a necessidade de mudança em suas masculinidades e também na forma como se relacionavam com suas esposas e filhos.

Num primeiro momento, essas interações chamaram a atenção, visto que nas publicações do Facebook e Instagram há poucos comentários e diálogos entre os homens. Supus que nesses espaços públicos “face e insta”, em que os comentários podem ser visualizados por outras pessoas, os homens permanecessem em silêncio. Contudo, num espaço privado, como é o grupo de Whatsapp, reservado a homens com o mesmo objetivo, estes se manifestaram nos mesmos moldes dos usos das mídias digitais para a manutenção das relações de segredo entre homens descritos no primeiro capítulo da dissertação.

Porém, essas interações tiveram duração de poucos dias e, de abril até dezembro de 2021, nenhum participante do grupo interagiu. Assim, sua única finalidade passou a ser a divulgação dos cursos e envio de links realizados pela equipe de suporte do *Entre eles*.

3.2 Autoajuda em gênero e sexualidade

Uma vez apresentadas as mídias digitais do *Entre eles*, propus aqui uma reflexão sobre os usos sociais dos seguidores.

Durante todo esse período de observação, constatei que temas como masculinidade saudável, masculinidade tóxica, relação conjugal e paternidade tinham bom engajamento por parte dos espectadores, mas nenhum deles movimentava tanto interesse e diálogo como o tema “sexo e sexualidade”.

Em sua participação no programa Tedx Macedo “Ideias sobre masculinidades”, Lucas assegurou que “a maioria dos homens estão transando muito mal, insatisfeitos com o sexo; e os homens héteros são os de pior desempenho, pois não conhecem seus

corpos, não conhecem sua parceira. Acham que sexo é apenas o genital, e não reconhecem a totalidade do corpo enquanto uma zona erógena”. Num outro momento, declara que “a maioria dos homens buscam o *Entre eles* para aprender a transar melhor”, afirmativa que surge também em outras oportunidades.

Outro discurso apresentado por Lucas na primeira aula do curso “Potência Masculina” foi que, durante sua trajetória no *Entre eles*, observou que as angústias dos homens são muito semelhantes mesmo em distintas gerações, pois verificou discursos em homens de 20 e de 70 anos carregados com enredos idênticos sobre as vulnerabilidades, expectativas e dores as quais esses sujeitos vivenciam em torno de suas masculinidades e sua sexualidade. Assim, notei que os usos que os homens fazem das mídias do *Entre eles* é buscar um espaço de acolhimento, orientação, e, portanto, autoajuda.

O conceito de autoajuda em gênero e sexualidade foi desenvolvido pela autora Illouz (2014) no livro “Erotismo de Autoajuda – cinquenta tons de cinza e a nova ordem romântica”. Na primeira parte da obra intitulada “Os *Best Sellers* e nosso inconsciente social”, a autora destaca que o êxito de vendas e consumo de uma literatura está atrelada ao impacto social de seu conteúdo.

Em sua visão, as necessidades de um público são construídas socialmente, e o consumo da literatura de conotação erótica e sexual geralmente é realizado por um público anônimo e ocorre na esfera privada. Afirma também que geralmente essa literatura é acessada com mais frequência pelas classes altas e que, por questionar os regimentos da igreja, seus usos possuem implicações políticas. Por esse motivo, os conteúdos de sexo e sexualidade continuam a circular na esfera privada.

Supus, com isso, que esse seja o motivo das escassas interações de homens nas páginas do Facebook e Instagram do *Entre eles*, já que permitem o envio de comentários públicos, assim as vulnerabilidades referentes a sexo e à sexualidade são temas que continuam a circular no campo privado para os homens.

Illouz (2014) cita a obra de Raymond Williams (1975) e aponta que as formas de literatura mais vendidas são aquelas que possuem elementos representativos de um ambiente cultural no conteúdo da narrativa, nos protagonistas, nas angústias que transitam no enredo, bem como o desfecho e a resolução apresentada pelos personagens.

Portanto, toda essa trama envolve um significado cultural atribuído socialmente num determinado contexto. Desse modo, o que torna um *Best Seller* tão atrativo são os processos de identificações que podem surgir entre os espectadores e personagens, já

que utilizam como referência, ensaios da vida real e embasamento moral das decisões e soluções encontradas para as angústias deles.

Contudo, de acordo com Illouz (2014) as literaturas mais vendidas abordam problemáticas sociais, empreendimentos culturais que trazem novas formas simbólicas de construir significados que transitam na cultura, nos modos de vida e nos valores das pessoas.

A hipótese central levantada pela autora é a de que a literatura apresenta resoluções simbólicas para as contradições sociais, e a identificação com os personagens leva o leitor a se apropriar de um modelo referencial para resolver os seus próprios problemas.

Esse pensamento é guiado pela cultura de autoajuda na qual as sociedades atuais tem se pautado no campo médico, psicológico e social. Segundo a autora, as influências da Psicologia clínica e da Psicanálise, em que os sujeitos devem procurar uma forma de conviverem melhor consigo mesmos e organizarem a própria subjetividade, foram fundamentais para iniciar essa cultura.

Na segunda parte dessa obra “Como encontrar certeza emocional em um mundo de incerteza sexual”, Illouz (2014) aborda uma reflexão sobre as inquietações existentes no relacionamento entre homens e mulheres, e faz uma análise do livro *Cinquenta tons de cinza*, o qual para ela compõe um livro de autoajuda na temática de gênero e sexualidade, pois encontra possibilidades de lidar com angústias do relacionamento heterossexual num contexto de incertezas relacionais. De acordo com ela, a autoajuda oferece receitas e maneiras práticas de resolver dificuldades cotidianas da relação afetiva e são normalmente encontradas nas revistas, livros, novelas românticas, entrevistas, entre outros.

Guardadas as devidas proporções entre a popularidade do livro “*Cinquenta Tons de Cinza*” e as mídias digitais do *Entre eles*, observei que ambos compõem o perfil de autoajuda em gênero e sexualidade.

Não pretendo aqui afirmar que o *Entre eles* é um “*Best Seller*”, mas o número de seguidores mostra-se expressivo, indicando que masculinidade e sexualidade têm se apresentado como um tema de inquietação e angústias para homens, os quais têm recorrido às mídias digitais para encontrar um espaço de acolhimento, diálogo e também de autoajuda, que é possibilitado por intermédio dos referenciais de masculinidades apresentados por Lucas Ribeiro e seus convidados.

Deste modo, constato que o *Entre eles* consiste numa plataforma de empreendimento cultural e moral acerca de como deve ser a conduta de homens durante o sexo e o convívio com suas companheiras. Com isso, propõe uma solução simbólica de como construir masculinidades fazendo o uso da autoajuda.

3.3 O autorrelato de Lucas Ribeiro e as características da subjetividade empreendedora

Um ponto fundamental para análise dos discursos sobre masculinidades que transitam nas mídias do *Entre eles* é compreender a história de vida e os referenciais de masculinidade do mentor Lucas Ribeiro, visto que os conteúdos são produzidos por ele, a partir dos próprios referenciais.

No dia 11 de setembro de 2021, Lucas participou do programa on-line “TEDx Macedo: “Ideias sobre masculinidades”, momento em que vários pensadores do tema apresentaram reflexões acerca da construção das masculinidades dos homens. Nessa ocasião, ele descreve como sua masculinidade foi construída.

Começa descrevendo brevemente que sua companheira o considera “um milagre”, pois a escuta, e não é o tipo de companheiro ou pai que ajuda, mas divide as tarefas do lar e cuida da filha. Na visão de sua companheira no ato sexual ele é empático, respeitoso e ela vive experiências de prazer com ele. Contudo, Lucas assegura que não se vê como um milagre, mas como fruto de uma transformação.

Relata que, durante a infância, construiu referenciais de masculinidade com seu pai que traía sua mãe, mexia com mulheres na rua e frequentava “puteiro”. Manifesta repúdio a estas condutas, pois achava tudo isso desrespeitoso a ponto de se envergonhar com esses comportamentos do pai. Continua dizendo que sua primeira experiência sexual foi no “puteiro” e vivenciou isso de forma negativa, pois queria conversar com aquelas mulheres, saber de suas vidas, o que para o contexto não fazia muito sentido.

Quanto a sua orientação sexual, menciona o receio que seu pai tinha de que se identificasse como homossexual, pois era um homem sensível, por isso “foi levado ao puteiro para ver se virava macho”.

Em seu depoimento mostra afeto pelo pai e declara que, por muito tempo, mesmo com este perfil, seu pai foi o seu herói. No entanto, para compreender suas atitudes, precisou humanizá-lo, compreendendo que ele também recebeu esses mesmos referenciais e modelos de masculinidades na construção de sua subjetividade.

Lucas questiona seus ouvintes: “imaginem a relação que criei com as mulheres a partir desses referenciais que tive com meu pai?!”. Nesse sentido, menciona uma frase de Djamilia Ribeiro: “os homens foram feitos para consumir as mulheres e não para apreciá-las”.

Segundo ele, há um manual na sociedade de como ser homem, como lidar com as mulheres, que envolve estar sempre apto sexualmente, experiente e dominante nas relações. Contudo, argumenta que isso não é real, visto que “homens contam muita vantagem, mas não estão geralmente dispostos a aprender sobre sexo e sexualidade, em geral, o aprendizado se restringe à pornografia, e eles possuem um péssimo desempenho sexual”. Essas atitudes, na visão de Lucas, estão ligadas ao consumo de pornografia.

De acordo com ele, outra regra desse manual é que os homens devem ser assertivos, não podem errar, devem ser o provedor do lar, dar conta de tudo e, em sua perspectiva, a pior norma social é não viverem suas emoções, não expressarem sentimentos, pois “homem que é homem não chora”.

Deste modo, segundo ele, não viver as emoções faz com que os homens vivam numa “panela de pressão”. “Em geral, quando se pergunta a um homem se está tudo bem ele vai responder que está tudo bem”, porém Lucas apresenta uma perspectiva que demonstra o sofrimento desses homens. Aponta que, segundo o anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, há uma grande quantidade de denúncias de violência contra as mulheres, estupros, feminicídios, estupros da própria companheira desses homens, enfim, dados que, de acordo com Lucas, são frutos da construção social da masculinidade tóxica que é ensinada.

Contudo, para ele, “esse mesmo homem que mata quem está ao redor dele, sua esposa, também mata a si mesmo”. Descreve que os homens cometem suicídio até quatro vezes mais que as mulheres, que os homens são a maioria da população carcerária e de rua. Destaca que há um recorte de classe social e de raça, mas mesmo com esse recorte acredita que os homens estão em sofrimento.

Acrescenta, ainda, que “ser branco, heterossexual, pertencer à classe média possibilita uma série de vantagens, mas não isentam esses homens de viverem suas dores”. Continua argumentando que os homens são as maiores vítimas de acidentes de carro, consumidores de pornografia, viciados em álcool e drogas, dirigem carros “feito loucos” para explodir suas emoções e se apegam ao esporte para extravasar seus sentimentos e emoções.

Durante sua fala, expõe que, no passado, era muito infeliz, insatisfeito com a forma como vivia, uma vez que trabalhava 12 horas por dia, tinha uma vida sexual ruim, sem prazer, traía sua companheira, estava perdendo sua saúde e com quase 30 quilos acima do peso. Num determinado momento, participou de um retiro de meditação e, depois de uma crise de choro, decidiu mudar de vida.

Novamente propõe uma reflexão aos seus ouvintes que se identificaram com sua trajetória: “Como transformamos essas dores num milagre como eu tornei? Nessa busca por mudança de vida, fundei o *Entre eles* com a missão de apoiar os homens nessa transformação, se livrar do machismo, ajudar os homens a viver uma sexualidade mais plena e uma vida mais feliz”.

Destaca, ainda, que um dos seus primeiros atos no *Entre eles* foi criar o curso “Sexo e sexualidade, o que não te ensinaram”. Lucas afirma “eu acho que por isso os caras procuram o *Entre eles*, para transar melhor”. Em sua perspectiva acredita que antes de chegar a esse tema é necessário retomar conceitos da infância e aprender sobre o que é ser homem, pois na infância a criança se perde nas emoções, na repressão de sua sexualidade. “Nos cursos, os homens podem se identificar com o sofrimento de pares e perceberem que não estão sozinhos”.

De acordo com ele, observou nos relatos que os homens estão transando muito mal, insatisfeitos com o sexo, e “os homens héteros são os de pior desempenho, pois não conhecem seus corpos, não conhecem sua parceira. Acham que sexo é apenas o genital e não reconhecem a totalidade do corpo enquanto uma zona erógena”. Menciona ter ouvido relatos de ex-alunos que, no momento do sexo, a esposa de um deles disse “obrigada Lucas”, pois estava vivendo, pela primeira vez, uma experiência prazerosa, tendo um orgasmo com seu parceiro.

Lucas finaliza a sua participação no TEDx Macedo destacando que os homens devem prazer e respeito às mulheres, mas também devem isso para si próprios, já que merecem uma vida mais feliz, saudável e uma sexualidade mais positiva.

Portanto, o discurso apresentado no autorrelato de Lucas me fez pensar em contornos que envolvem a construção da subjetividade no contexto social do neoliberalismo. É evidente que o interlocutor faz uso das mídias digitais do *Entre eles* como uma forma de empreendimento e com interesses econômicos, porém não se trata exatamente desse ponto para analisar o neoliberalismo, mas sim os atravessamentos deste na subjetividade empreendedora que aparecem em seu discurso.

Scharff (2016) trouxe importantes contribuições no texto “A vida psíquica do neoliberalismo” ao definir as subjetividades empreendedoras. A autora pontua que a construção de subjetividades no contexto social atual conduz os sujeitos a se relacionarem consigo mesmos como se fossem um negócio, uma empresa, um produto. Por isso eles possuem características ativas, convivem com situações de risco, lidam com dificuldades e escondem vulnerabilidades em prol de estabelecerem uma imagem sempre positiva de si. De acordo com ela, outras características envolvem ainda o foco no individualismo, a saber: a competição consigo mesmo e a rejeição ao não empreendedor.

Dessa maneira, as expressões utilizadas por Lucas “olhar para dentro”, “voltar para casa e para o coração”, “busca por transformação”, volta ao “lugar que gostaria de estar” remetem a características da subjetividade empreendedora, visto que o foco está no eu, numa visão individualista e, por vezes, desconexa do contexto social.

A fim de confirmar esse pensamento, observo que, durante transmissão do evento “Capacidade Masculina”, um usuário comentou: “se desconstruir sem desconstruir a sociedade não seria enxugar gelo?” Em resposta Lucas afirmou que “todos devem ser agentes de transformação, as mudanças são gradativas, mas para uma sociedade se transformar é necessário ser exemplo, começar por si”. Posteriormente, sugeriu que os homens fortalecessem sua rede, participassem de grupos reflexivos com outros homens e, para isso, indicou que buscassem outra página do Instagram que oferecesse psicoterapia em grupo on-line para uma rede que classifiquei como “homens empreendedores”. Essa mesma fala me faz compreender o empreendedorismo que há na plataforma, em outras palavras, “todos devem consumir os produtos oferecidos pelo *Entre eles* e por sua rede”.

Esse “começar por si” traz uma conotação do individualismo presente no discurso e é outra característica da subjetividade neoliberal proposta por Scharff (2016) “sujeitos empreendedores rejeitam não empreendedores”. A autora afirma que há uma rejeição daquilo que o sujeito não é e o estabelecimento de uma fronteira entre pessoas “trabalhadoras” e pessoas “preguiçosas” no discurso econômico.

Contudo, se essa perspectiva for pensada no campo da subjetividade, a proposta do discurso de Lucas Ribeiro é a de que os “homens desconstruídos”, que são empreendedores de si, devem se relacionar com grupos semelhantes, os “*brothers* saudáveis” e, em oposição, deixar relações com os “*brothers* tóxicos”.

Scharff (2016) mostra que relacionar consigo mesmo como se fosse uma empresa faz com que o sujeito crie um distanciamento de si a fim de que possa transformar-se e trabalhar nesse eu no sentido da auto-otimização. Deste modo, entende-se que uma empresa necessita constantemente de evolução. Olhando desta forma para a subjetividade, o sujeito precisa de melhorias no eu físico, psicológico e nas demais esferas da vida. Nesse sentido, um sujeito empresarial precisa ser um sujeito ideal, em evolução. Por isso, este deve fazer os cursos propostos pelo *Entre eles*, empenhando-se numa mudança “gradativa”, investir na transformação pessoal, na autogestão e auto-otimização.

Essa suposição pode ser relacionada também ao marketing pessoal que há no discurso de Lucas: “sou um milagre”; “sou empático no sexo e dou prazer para minha parceira”; “sou fruto de um processo de transformação”; ou então, “não sou um pai que ajuda, sou um pai que cuida da filha”. Com isso, observo que a responsabilidade dos fatos está unicamente direcionada ao eu por não considerar o entorno social, já que a perspectiva apresentada é de uma mudança no mundo interno, para mudar o externo, sem levar em conta, nesse momento, os sujeitos que são atravessados pelas desigualdades sociais e não possuem condições de “empreender”, ou mesmo sujeitos que não conseguem ser pais mais presentes em virtude da necessidade de uma jornada de trabalho extensiva que garanta a sobrevivência.

Outro ponto que aparece no discurso do interlocutor em questão é o que se refere à característica “assumir riscos”, descrita por Scharff (2016). Na primeira aula do evento “Capacidade Masculina”, Lucas apresentou características que, segundo ele, a sociedade impõe ao homem “há uma caixa que corresponde ao que é ser homem e os elementos que estão contidos nela são tóxicos: ser durão, forte, autossuficiente, viril, apto sexualmente, ser o provedor do lar, dentre outras coisas”. Nesse momento, um seguidor fez um comentário no chat “Mas muitas mulheres são machistas e querem um cara com essas características e se eu mudar? Ninguém quer ficar sozinho”. Em resposta Lucas assegura que as mulheres também estão inseridas num contexto machista e que a mudança deve ocorrer para fazer o bem a si próprio (eu) e, posteriormente, caso fique sem a mulher que deseja, pode buscar outra parceira que está no mesmo movimento de transformação e numa sintonia mais próxima. Assim, “ficar sem a mulher que deseja” é um dos riscos assumidos pelo sujeito empresarial.

Contudo, o discurso de Lucas Ribeiro envolve ainda dois pontos da subjetividade empreendedora: primeiro, “acolher a dor dos homens”, o que acontece

num grupo restrito e condiz com o que Scharff (2016) chamou de “lesões ocultas”, afinal, os sujeitos empresariais estão sempre ocultando suas vulnerabilidades emocionais e afetivas; e segundo, criar um canal de relacionamento entre empreendedores ideais, no caso a rede de homens do *Entre eles*.

3.4 Pedagogias e Currículos de Masculinidade Saudável

Escolhi o termo pedagogia por significar uma “ciência que trata da educação e do desenvolvimento como um todo”. Assim, compreendi que os usos das mídias digitais por homens que acessam o *Entre eles* funcionam como um processo educacional na formação de subjetividades por meio dos discursos de masculinidades que são apresentados nela.

Sobre a pedagogia em gênero e sexualidade, Louro (2008, p.22-23) aponta que:

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas.

A expressão “Pedagogia” aparece também nos estudos de Sabat (2001), quando discorre sobre a maioria dos estudos referentes à pedagogia e currículo que aparecem ligados à educação escolar. Contudo, sua proposta é analisar o uso das mídias como uma pedagogia cultural para a disseminação de valores, sentidos e representações em torno do gênero e de sexualidade.

Nesse contexto, a autora argumenta que as mídias transmitem conteúdos, não por si só, mas que carregam pedagogias culturais que fabricam representações de gênero e sexualidade, ensinando sujeitos como ser e como se comportar.

Numa primeira publicidade, analisada pela autora, menciona a imagem de um menino de aproximadamente dois anos de idade sentado em um espaço que remete à ideia de um escritório, os signos presentes na imagem revelam atributos relacionados socialmente à masculinidade, ao trabalho, à virilidade, modernidade e autoconfiança.

Numa outra apresentação publicitária, agora com uma menina de cerca de dois anos de idade, há a presença de uma série de símbolos que denotam a passividade,

submissão, insegurança e ligação à vida doméstica, como uma boneca e um carrinho de bebê. As publicidades vêm acompanhadas dos dizeres “grandes decisões” para o menino e “futura mamãe” para a menina. Assim, mesmo que retirados os escritos, notam-se os significantes atribuídos às expectativas de gênero e sexualidades produzidos e reproduzidos socialmente para meninos e meninas.

Sabat (2001) defende que, nos anúncios publicitários, há uma predeterminação acerca dos comportamentos que deverão ser assumidos por meninos e meninas; logo seus espaços já se encontram determinados. Destaca-se que a mensagem cultural desta publicidade é transmitida aos adultos que irão reproduzir essas expectativas nas crianças. Portanto, esse conjunto de imagens e informações que tramitam nas mídias são tidos como pedagogias de masculinidades e feminilidades.

Conteúdos como esses presentes nas mídias naturalizam modos de ser que devem ser destinados a homens e, em geral, é frequente encontrar publicidades que relacionam homens à força, determinação, a ambientes abertos ou ambientes restritos como o local de trabalho, porém pouco se observa a presença de homens no ambiente doméstico. Nesse sentido, a autora menciona o papel das publicidades na reprodução de modelos culturais hegemônicos que mantêm significados acerca de quais condutas são aceitas para os homens. Declara que a publicidade não é neutra, mas carrega o discurso que uma cultura determina, o que seu idealizador vive e reconhece enquanto hegemônico.

Ainda, sobre isso, Louro (2008) alega que o espaço público nas mídias impressa, televisiva e digital quase sempre fora ocupado por homens brancos, heterossexuais e de classe média; logo essa era a voz hegemônica que fazia veicular a cultura.

Sabat (2001) aponta que, para muitos homens, pode ser um desafio expressar sua masculinidade de modo prazeroso e tranquilo quando sua subjetividade não corresponde ao modelo idealizado. Muitas vezes as dificuldades em corresponder ao que lhe é imposto socialmente faz com que a masculinidade ou mesmo a heterossexualidade seja questionada pelos códigos de conduta de masculinidades sociais. Então, as mídias atuam ativamente na construção de modelos hegemônicos.

Uma vez conceituada “Pedagogia” em termos de gênero e sexualidade, utilizarei a obra de Silva (1999) “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo” para conceituar “Currículo”.

De acordo com Silva (1999), o currículo escolar é o que se espera com os resultados finais do processo educacional, pois contém os objetivos, os procedimentos e

métodos que serão utilizados para atingir os resultados da aprendizagem. Por isso, todas as instituições do campo educacional possuem um currículo.

Uma questão que envolve a elaboração de um currículo é: “o que os alunos devem saber?”, “o que é importante os alunos aprenderem?”. Desta maneira, os cursos devem selecionar minuciosamente quais conteúdos devem ser incluídos e excluídos de sua proposta de ensino.

A elaboração de um currículo passa também por outro questionamento “o que os alunos devem ser? O que devem se tornar?”. Como a educação é um processo formador de sujeitos, assim, toda proposta educacional pretende “formar ou transformar pessoas” [aspas minha]. Logo, construir um currículo leva em conta o tipo de características que se deseja transformar no aluno, o tipo de ser humano considerado ideal numa determinada sociedade, num determinado contexto histórico e cultural (SILVA, 1999).

Silva (1999) retoma a origem etimológica da palavra currículo, cujo significado indica “pista de corrida”. Então, falar de proposta curricular é determinar o percurso que será realizado e o caminho que será percorrido para construir uma subjetividade ideal, hegemônica. Desta maneira, a seleção de quais conteúdos são importantes no currículo, o que deve e o que não deve fazer parte dele é uma atividade de poder.

Numa perspectiva emancipadora, o autor assegura que as propostas educacionais devem tomar por referência um currículo democrático e reflexivo para que juntos construam um modelo de currículo que melhor contemple as necessidades dos alunos. Além disso, precisam visualizar o professor como uma pessoa crítica incluída num processo reflexivo de transformação e que dê voz a todos os envolvidos, possibilitando um espaço de reflexão coletiva e de trocas, de modo que todos sejam sujeitos ativos do conhecimento. Assim, o currículo seria construído no âmbito coletivo, descentralizando o poder, e não fornecendo-o a uma pessoa ou a um seleto número de pessoas (SILVA, 1999).

O currículo constrói e comunica significados da vida social e que orientam a vida em sociedade, delimitam comportamentos, expressam a maneira como se dão as relações, muitas vezes, sem que se atinjam um nível de consciência pessoal (SILVA, 1999).

O autor defende que o currículo seja integrado a outros dois processos: o ensino e a avaliação. Segundo ele, a maneira como o professor se relaciona com os alunos possui estreita ligação com o conhecimento prévio que se tem sobre eles. Para chegar a essa hipótese, respalda-se nas teorias de rotulação, por isso trata como importante que o

planejamento do que será desenvolvido leve em conta o processo pedagógico: o modo como foi ensinado, a avaliação e os resultados obtidos.

o conhecimento educacional formal encontra sua realização através de três sistemas de mensagem – o currículo, a pedagogia e a avaliação: o currículo define o que conta como conhecimento válido, a pedagogia define o que conta como transmissão válida do conhecimento, e a avaliação define o que conta como realização válida desse conhecimento de parte de quem é ensinado (BERSTEIN apud SILVA, 1999, p.71).

Silva (1999) aborda também o conceito de currículo oculto, que se trata de práticas educacionais informais e implícitas na conduta das pessoas envolvidas que se apresentam no manejo das situações de ensino, na relação entre professores e alunos, alunos e alunos, nas condutas de autoridade, organização dos espaços, das carteiras, determinação do tempo para cada conteúdo e a maneira como se é recompensado ou punido no ambiente escolar. O currículo oculto é, portanto, todas as maneiras em que circulam aprendizagens sociais importantes, fora do currículo oficial e explícito.

O autor reflete, ainda, sobre as concepções antidemocráticas que compõem a educação ensinando conhecimentos, habilidades, atitudes e condutas em prol da formação de pessoas que atendam aos interesses do capitalismo, sendo obedientes, conformados e também individualistas. Em geral, essas condutas são ensinadas para alunos vindos da classe operária, em contrapartida, os alunos de classes proprietárias e de melhor poder aquisitivo possuem um entorno educacional que possibilita assumir e aprender características de poder e domínio (SILVA, 1999).

Essas influências do currículo, nos significados de dominação social, ocorrem também de outras maneiras, e não apenas na relação de desigualdade social econômica. No entanto, o currículo oculto possui um conjunto de práticas e rituais que fornecem parâmetros diferentes para as relações de gênero, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, relações entre pessoas de diferentes etnias, entre outros.

Mediante isso, é possível notar que há uma pedagogia e um tipo de currículo cultural que tem circulado nas mídias digitais para reproduzir sentidos, valores, comportamentos inerentes à masculinidade. O *Entre eles* apresenta uma pedagogia proposta pela maneira como Lucas Ribeiro ensina e aborda os assuntos, a maneira como se relaciona com seus seguidores do Instagram e de seus cursos. O currículo *do Entre eles* aborda o modo como os homens devem ser, como devem viver sua sexualidade, se relacionar com as mulheres e também com outros homens.

Pelo exposto, entendi que o tema transversal desse currículo é o sexo e a sexualidade, visto que esse tema atravessa todos os outros ganhando maior destaque e visibilidade nas mídias do *Entre eles*.

Após conceituar pedagogia e currículo, nessa parte da dissertação, pretendi explorar três conceitos que observei em destaque numa série de *lives* que ocorreu no campo de pesquisa: Masculinidade Saudável; Sexualidade Positiva; e Broderagem Saudável.

Para chegar aos conceitos, apresentarei os convidados⁹ de acordo com as informações notadas nas redes sociais de cada um a fim de elucidar o perfil predominante de masculinidade.

Eduardo Oliveira é homem, negro, cisgênero, heterossexual, artista, pintor de telas, produtor de conteúdo digital do Instagram que se identifica como um homem sensível e oriundo de uma família pobre.

Paulo Henrique, tem 29 anos, é homem, cisgênero, heterossexual, branco, criador de conteúdo digital no Instagram, cozinheiro. Participou de uma das edições do programa televisivo “Master Chef” e se identifica como um homem livre das pressões sociais.

Gustavo Silva é homem, cisgênero, heterossexual, negro, psicoterapeuta junguiano. Seu discurso tramita em torno das masculinidades negras, das desigualdades sociais e do apoio aos grupos de homens.

Emanuel Souza é homem, cisgênero, heterossexual, branco, com formação em direito, atua na Comissão de Equidade de Gênero, identifica-se com flores, aspectos da sensibilidade humana, masculinidades, branquitude crítica e justiça social.

Rafael Ramos é homem, artista, cineasta, psicólogo na abordagem corporal, estudioso de Reich e criador de conteúdo digital, além de ter interesse em estudos sobre sexualidade.

Sérgio Rodrigues é homem, cisgênero, heterossexual, empresário e criador de conteúdo digital no Instagram. Identifica-se como um homem leitor e interessado por reflexões sobre masculinidades.

Para desenvolver o conceito de masculinidade saudável, o *Entre eles* e seus convidados transmitiram uma série de *lives* com os temas: “Masculinidade bem sucedida” apresentada por Lucas Ribeiro: “Homem sente?” com a participação de

⁹Para preservar as identidades, utilizei nomes fictícios para os convidados e não mencionei o perfil do Instagram de cada um.

Eduardo Oliveira; “O que é ser homem?” com a presença de Paulo Henrique; “Florescendo masculinidades” conduzida com o convidado Emanuel Souza; e “Resenha sobre masculinidades” que contou com o depoimento de Sérgio Rodrigues.

As características apresentadas por essa rede demonstraram que compreendem por masculinidade saudável um sujeito que vivencia os seus relacionamentos de maneira afetiva, que possui convivência e vínculos com sua família, esposa e filhos, homens que priorizam os afetos e a família em detrimento das conquistas profissionais e financeiras. Esse discurso apresentado busca romper com as expectativas socialmente construídas de que os homens devem ligar-se mais ao trabalho, à vida social e, conseqüentemente, afastar-se da vida doméstica que, em geral, é atribuída às mulheres. Assim, o *Entre eles* parece flexibilizar as expectativas em torno de masculinidades e feminilidades.

Outro aspecto apresentado refere-se ao perfil emocional do homem saudável, que deve ser capaz de expressar suas emoções, chorar, comunicar seus sentimentos e ser capaz de demonstrar afeto a seus amigos e familiares com beijo no rosto e abraços, inclusive demonstrar esses afetos por outros homens.

Historicamente, construiu-se um referencial de masculinidade pautado numa tipologia psicológica de racionalidade e nas funções de pensamento e razão, enquanto que tipos psicológicos voltados aos sentimentos e emoção foram atribuídos ao feminino. Nesse sentido, a plataforma busca romper com a ideia de que “homem não chora” e não pode expressar suas emoções, apresenta alternativas que possibilitam a expressão de novas formas de subjetividades, que aproximem o homem de si mesmo, do outro, de sua família, permitindo inclusive a demonstração de afeto por outros homens, o que sempre fora considerado um tabu.

Essa rede comunica ainda que uma subjetividade saudável é livre das pressões sociais, pois, para eles, “ser homem é ser o que você quiser”, é performar uma masculinidade de sua maneira, de modo que seja feliz.

Nesse mesmo sentido, uma das *lives* comunica que o homem deve ser livre para romper com barreiras sociais e se permitir gostar de coisas que não estão em acordo com o padrão social de masculinidade, como, por exemplo, gostar de flores e coisas que despertam a sensibilidade. Para além do gostar de flores, socialmente as masculinidades construídas indicavam um caminho que distanciava homens da possibilidade de sentir e sensibilizar-se. Assim, a masculinidade saudável para essa rede caminha na direção de perceber, sentir e importar-se consigo próprio e com o outro.

Contudo, as pressões sociais foram determinantes para construir o que hoje é compreendido como masculinidade tóxica, já que ter sua masculinidade ou mesmo sua sexualidade questionada é uma experiência difícil para os homens. Isso faz com que se afastem dos ambientes e das características que socialmente são atribuídas à feminilidade. Nesse âmbito, o *Entre eles* parece buscar uma flexibilidade entre masculinidade e feminilidade para desconstruir padrões fixos e rígidos sobre o que se espera da conduta de homens e mulheres.

Outra característica elucidada da masculinidade saudável é a possibilidade de o homem gostar de ler e se interessar por atividades intelectuais, em oposição à ideia de que o homem possui uma destreza inata para as atividades manuais e que exigem a força física. Esse enunciado do *Entre eles* faz pensar na idealização social de força que normalmente espera-se dos homens. Assim, os que não possuem habilidades físicas e se interessam por trabalhos intelectuais acabam por sentir-se excluídos, porém essa plataforma apresenta a perspectiva de que é possível ser homem e ser um sujeito com predomínio da inteligência.

Nos discursos anunciados pelo *Entre eles*, a sexualidade positiva é também um componente da masculinidade saudável. Para desenvolver esse conceito, a plataforma realizou uma série de *lives* com os temas: “Como lidar com a ejaculação precoce?”; “Masturbação saudável”; “Será que sou viciado em pornografia?”; “Como dar mais prazer à mulher?”; “Existe sexo sem penetração?”. Todas essas *lives* foram realizadas pelo mentor da página Lucas Ribeiro, mas a *live* “Orgasmo no cotidiano” contou com a participação do convidado Rafael Ramos.

Em geral, essa rede de homens considera a sexualidade positiva como uma prática que inclui o uso da inteligência no sexo, para estudar e conhecer o corpo feminino, saber que este é cíclico e diferente do corpo masculino.

Esse conceito também inclui a exploratória dos sentidos para vivenciar o prazer utilizando-se dos cheiros e gostos que provém do corpo, da estimulação visual e auditiva que pode ocorrer durante o sexo. O *Entre eles*, em vários momentos, apresenta discursos que confirmam que os homens têm um desempenho muito ruim no sexo. Por isso, o uso das expressões “inteligência no sexo” e “estudar o corpo da mulher” parecem buscar romper com uma construção social de que o homem é sempre viril e sabe tudo sobre o sexo. Nesse sentido, a plataforma busca romper com essa ideia e aponta a necessidade de estudar o corpo de sua parceira, dialogar com ela afim de que o sexo seja uma experiência melhor para ambos.

A sexualidade positiva envolve ainda aspectos mais atrativos na forma como o homem deve convidar a mulher para o sexo, como uma boa conversa, uma taça de vinho, massagens e outras demonstrações afetivas. Segundo eles, o sexo não deve ser uma prática machista que tenha como foco o prazer do homem, mas deve incluir recursos que sejam mais prazerosos à mulher, como o uso de acessórios e a exploração do corpo para além dos genitais.

Essa plataforma apresenta um discurso que parece enfrentar a concepção histórica de que o sexo possui a finalidade de reprodução e também de prazer ao homem. Os enunciados produzidos por essa rede buscam levantar reflexões que o homem deve deixar a postura machista e egoísta no sexo e se preocupar com o prazer de sua parceira, utilizando-se de recursos que não seja apenas a penetração.

Nesse sentido, o convidado Rafael Ramos apresentou o conceito reichiano de curva orgástica, que é composto pelas etapas de excitação, acúmulo de energia corporal e orgasmo. Ele declara que, no sexo, é necessário tempo para que o corpo proporcione um prazer mais intenso e de melhor qualidade, assim recomendam que o ato sexual envolva um ritual de parceria, conversa e carícias que possibilitem ao corpo passar por todas as etapas da curva orgástica, buscando romper com a lógica de sexo rápido com foco nos genitais.

Essa rede vincula a ejaculação precoce ao consumo de pornografia que, segundo eles, esta associada à masturbação convencional é a causa desse problema; por isso, uma das características da sexualidade positiva é a rejeição à pornografia. Assim, o conceito de masturbação saudável é apresentado como um ritual masculino de autocuidado em que o homem deve experimentar sensações prazerosas em todo o seu corpo, e não apenas no genital. Com efeito, o foco da autoestimulação não é a ejaculação, e sim o processo de contato com o próprio corpo e as sensações que são geradas nele. Esse processo deve ser consciente, pois o homem precisa vigiar sua mente para que não se ligue a fantasias de cenas pornográficas.

A aversão à pornografia é uma concepção bastante forte para essa rede de homens, porque apresenta uma concepção equivocada a respeito do sexo e da sexualidade humana, segundo Lucas. O sexo é apresentado com o foco apenas nos genitais, e o excesso de estímulos visuais e fantasiosos são causas da ejaculação precoce, bem como o fato de que o modelo de sexo apresentado é machista e, em geral, não leva em consideração o prazer da mulher. Além disso, assegura que a pornografia

objetifica e classifica os corpos, como por exemplo, as categorias estabelecidas: “mulher negra”, “mulher asiática”, entre outros.

A literatura de gênero erótico, segundo Illouz (2014), sempre transitou na esfera privada. Cabe então mencionar que o conteúdo dito “privado” se modifica ao longo da história, visto que o conteúdo pornográfico dos anos 1950 muito se difere dos anos 2000.

Uma pessoa com roupas de banho já foi considerada conteúdo obsceno, enquanto, atualmente, o conceito de pornografia passa pela exposição do sexo. Esse tipo de gênero literário teve seu uso associado à curiosidade, desejos e prazer, sendo acessado em revistas e agora nas mídias digitais.

A partir dessa compreensão, destaco que a maneira como a pornografia é vista pelo *Entre eles* difere dessas gerações anteriores, pois essa plataforma está inserida num contexto de discursos sobre masculinidades que tenta criar uma moralidade em torno do uso da pornografia a fim de confirmar que o seu consumo não é saudável, ao contrário, é responsável por problemas como a ejaculação precoce e as frustrações do homem com sua própria sexualidade.

Ainda, sobre a relação com a pornografia, um fato que chama a atenção é de a plataforma se apropriar do termo “vício em pornografia”, que é bastante controverso na Psicologia e na Psiquiatria. Diferentemente de “outros tipos de vício”, esse não é considerado “patológico”, apesar disso, o *Entre eles* afirma que a relação do homem com a pornografia “não é saudável”.

Nesses termos, Becker (2008) faz uma análise de dois grupos considerados desviantes às regras sociais estabelecidas, que são os usuários de maconha e os músicos de dança, os quais tinham suas regras próprias e “vícios”, porém essas regras eram distintas do contexto social em que viviam.

Desta maneira, para a rede de homens do *Entre eles*, quem faz uso da pornografia é rotulado como “viciado e desviante” nas mesmas concepções de Becker, visto que esses homens não aderem às regras de vida da rede *Entre eles* e criam seus próprios modos de ser.

Outra característica da masculinidade saudável é o exercício da broderagem saudável, cujo conceito é apresentado pelo *Entre eles* como uma rede de homens que se acolhem, promovem uma escuta sem julgamento das vulnerabilidades de outros homens, aprofundam relações, dialogam sobre sentimentos e oferecem apoio emocional.

De acordo com Lucas, o homem em desconstrução do machismo sofre com um problema de “ficar sem lugares para frequentar, pois, em geral, a família é machista, os amigos são machistas, todo o mundo é machista”. Com isso, sugere que os homens comecem a buscar por outros “brothers” se organizando em grupos, mencionando inclusive a possibilidade do *Entre eles* proporcionar grupos de convivência entre homens que buscam desconstruir-se do machismo.

Assim, a “broderagem saudável” também consiste no enfrentamento e na correção dos comportamentos machistas de outros homens. Lucas afirma que, quando um homem observa uma atitude machista em outro, o primeiro deve procurá-lo para repreendê-lo e ajudá-lo a refletir sobre sua prática. Recomenda, ainda, que esses diálogos de “broderagem saudável” ocorram sempre no individual afim de que os homens consigam aliados e tenham maior possibilidade de serem ouvidos.

No caso de repreender o comportamento tóxico de um homem em um grupo de homens, quem repreendeu terá menos possibilidade de ser ouvido, visto que terá sua “masculinidade” questionada e poderá ser vítima de *bullying* no grupo. Assim, recomenda a conversa em particular, tentando conseguir aliados aos poucos para que outros homens se encorajem a se desconstruir, e aos poucos se construa uma rede de homens dispostos a transformar-se e construir novos modelos de masculinidades não tóxicos.

Esse conceito também foi explorado na *live* “A importância dos grupos de homens” que contou com a participação do convidado Gustavo Silva, psicólogo e mentor de uma página do Instagram que pertence ao mesmo seguimento do *Entre eles*. Essa página oferece para homens uma modalidade de atendimento psicoterápico grupal que ocorre de modo on-line. Gustavo declara que sua proposta de criar um grupo para homens foi proporcionar um espaço coletivo de reflexões sobre o que se entende por ser homem e sobre as estruturas sociais que colaboram para a construção de subjetividades. Deste modo, afirma que a importância de grupos de homens é a oferta de um espaço de acolhimento das vulnerabilidades e espaços de reflexões saudáveis em torno das masculinidades. O convidado assegura que, em geral, o homem fala muito, mas escuta pouco, por isso o grupo também é uma oportunidade de aprender a escuta empática, afetiva e de acolher pessoas que estão passando dificuldades.

Lucas afirma que os homens precisam se movimentar no sentido de fortalecerem uma rede de apoio. Segundo ele, o homem não se organiza em grupos “nesse sentido, as mulheres estão muito à frente de nós, já que elas organizaram vários movimentos, o

feminismo, o transfeminismo e o feminismo negro. Em contrapartida, os homens continuam isolados na própria individualidade e precisam de uma rede de apoio”.

Diante disso, compreendo que socialmente construiu-se uma ideia falocêntrica de força e poder dos homens que, em geral, gostam de se comparar e competir em conversas sobre dinheiro, carros, mulheres, trabalho e times de futebol.

Nesse âmbito, o *Entre eles* anuncia perspectivas opostas a isso, porque tenta estabelecer outros tipos de relação entre homens. Os discursos dessa rede parecem buscar uma forma de modificar as relações incluindo uma forma mais afetiva nas amizades.

Esses conteúdos observados no campo de pesquisa remetem ao conceito sociológico de homosocialidade, que indica as relações entre pessoas do mesmo gênero. Nesse sentido, a autora Sedgwick (1985) faz uma análise dos laços homosociais entre homens, a partir do enredo que aparecem em narrativas inglesas. O eixo analisado pela autora trata das relações eróticas e de formato triangular envolvendo dois homens e uma mulher. Um dos pontos analisados é que a relação entre o homem e uma mulher passa a ser importante à medida que é igualmente importante a outros homens. Essa estrutura a autora nomeia como “desejo homosocial do homem” ou “homofilia”.

Comparativamente, a rede de homens do *Entre eles* parece preocupar-se com essa questão, afinal para eles ser um homem desconstruído e tratar com respeito as mulheres fará com que esse homem tenha a admiração do grupo.

A autora argumenta ainda que, na relação entre homens, a estrutura do desejo homosocial, os padrões de amizade hétero e homossexualidade, privilégios, rivalidades devem ser observados a partir das relações com as mulheres, sendo impossível de ser compreendido fora das relações de gênero.

Assim, heterossexualidade compulsória está intrinsecamente ligada à homosocialidade, uma vez que para “estar bem com outros homens é preciso relacionar-se com uma mulher” [aspas minha] (Sedgwick, 1985).

Outro laço homosocial analisado por Sedgwick (1985) é o chifre, situação na qual a autora utiliza a metáfora das trapaças que ocorrem em segredo nos jogos de carta para elucidar a esperteza na relação homosocial, em que um sujeito assume uma forma ativa e o outro passiva na relação, sem mesmo que este segundo o saiba. Na relação entre eles, esse sujeito “chifrado” pode ser visto como feminino pelo grupo, que pode

ser interpretado como equivalente às rivalidades e questionamentos do que o *Entre eles* chama de broderagem tóxica.

Sedgwick (1985) pontua que os homens chifrados, nos enredos analisados, compunham uma característica de serem gananciosos pelo dinheiro, outra característica da broderagem tóxica, conceituada pelo *Entre eles*. Nessa relação, os homens julgam as conquistas financeiras dos outros. Na análise da autora, aparece um personagem mais próximo das mulheres, “Horner”, uma figura sensível e aparentemente feminilizada que vê o dinheiro de forma diferente dos outros homens e que acaba por ser mais próximo das mulheres.

A autora assegura que, nas relações homosociais, em diferentes modelos, acaba sendo comum homens assumirem características andrógenas, incorporando aspectos da feminilização a fim de apropriar-se do território feminino para se aliar à lógica masculina.

Para Sedgwick (1985), os desejos da relação homosocial está aliado à heterossexualidade e complementar a ela; logo, as aparentes contradições entre masculino e feminino podem ser agrupadas pelos homens a seu favor.

Em um dos enredos analisados pela autora, ela discorre sobre um personagem homem, com características atribuídas socialmente ao feminino e que, por esse motivo, conseguia transitar entre os territórios de homens e mulheres, enquanto as mulheres acabam por restringir-se no vínculo apenas com outras mulheres.

Utilizo esses conceitos da autora para inserir uma nova suposição sobre a rede de homens que seguem o *Entre eles*: esses homens estariam acessando os conteúdos da plataforma porque desejam uma “masculinidade saudável”, uma “relação igualitária com as mulheres” ou estariam interessados num discurso de feminilização das masculinidades a fim de se tornar mais próximo do território onde caminham as mulheres?

Na condição de pesquisador, cisgênero e heterossexual, parece-me conveniente a esses homens o marketing “sou um milagre, respeito às mulheres e proporciono prazer a elas”, afinal, esse discurso poderá “atrair mulheres”, e a plataforma poderia ser utilizada em sua finalidade nos mesmos moldes de outras com a objetivo de ajudar homens a “pegar mais mulheres”. O próprio mentor da plataforma declara por várias vezes que “os homens procuram o *Entre eles* para aprenderem a transar melhor” e, em outro momento, assegura ainda “as mulheres heterossexuais são as mais insatisfeitas com o sexo”.

Numa outra relação triangular, a autora propõe uma complexificação do complexo de Édipo, diferente da proposição de Freud, que acreditava que o filho desejaria ocupar o lugar do pai a fim de aproximar-se da mãe. Para a autora, o sujeito deseja igualmente ter à sua disposição as duas figuras, a relação com o homem e a mulher, corroborando assim em seu modo de ver as relações de heterossexualidade e homosocialidade como complementares.

Segundo a autora, todos os triângulos relacionais analisados contemplam uma característica em comum que é o desejo homosocial que passa pela necessidade de admiração e reconhecimento de seus pares. De modo semelhante, a rede de homens do *Entre eles* busca a admiração e o reconhecimento entre os participantes, constituindo uma rede de broderagem saudável, tida como ideal para o grupo.

3.5 O hegemônico e o subalterno no Entre eles

Para analisar o conteúdo apresentado, o primeiro ponto que chamou a atenção no discurso de Lucas Ribeiro é o uso da palavra “saudável” para se referir a um tipo de masculinidade hegemônica estabelecido por esse grupo de homens. A expressão “saudável” tem sua origem vinculada ao contexto de saúde, que nas definições da Organização Mundial de Saúde (OMS) refere-se ao equilíbrio e bem estar de um indivíduo nas esferas biopsicossocial.

O conceito de “masculinidade saudável” parece ter como proposta dialogar e ao mesmo tempo se opor ao conceito de “masculinidade tóxica”. No mesmo sentido, a expressão “tóxica” tem como significado algo nocivo, que faça mal ao organismo e causa contaminação, trata-se também de um conceito ligado à saúde.

Assim, a primeira suposição é que os conceitos de masculinidades “saudável” e “tóxica” pertencem a um discurso que se apresenta como um empreendimento moral e determinístico, naturalizando que há um fazer correto e um fazer errado no que se refere à construção da masculinidade.

Outro aspecto que faz supor que são empreendedores da moral é o discurso moralizante do uso das mídias digitais para o acesso à pornografia e relações extraconjugais, que também trazem a dimensão de certo e errado, saudável e tóxico.

A fim de conceituar sobre “empreendimento moral”, mais uma vez recorro à obra de Becker (2008) que trouxe importantes contribuições à sociologia do desvio e a teoria da rotulagem.

O autor desenvolveu a teoria de que o desvio seria uma construção social utilizada para influenciar um grupo de pessoas a “criminalizar outros grupos” e se opor às práticas destes. Segundo o autor, o desvio é o fato de uma pessoa definir a prática de outra pessoa ou grupo como ruim ou desviante. Afirma ainda que “o desvio é o resultado de um empreendimento” (BECKER, 2008, p. 167).

Os grupos sociais criam regras, e o não cumprimento delas cria os desvios; logo, os sujeitos que assumem os papéis de desviantes acabam assim sendo rotulados. Deste modo, o desvio não é um atributo da pessoa que quebra a regra social, mas uma rotulagem atribuída por outras pessoas (BECKER, 2008).

O autor pesquisa grupos considerados desviantes sociais e amplia a visão de normalidade e anormalidade para além do patológico. Sugere que os sujeitos considerados desviantes participam de um sistema de relações que constituem a vida social, e esses grupos criam suas próprias regras e conceitos próprios de normalidade.

De acordo com Becker (2008, p. 153): “as regras são produtos da iniciativa de alguém e podemos pensar nas pessoas que exibem essa iniciativa como empreendedores morais”. Seus estudos abordam dimensões em duas frentes: os “criadores de regras” e os “impositores de regras”.

O criador de regras é uma pessoa que se preocupa com o conteúdo das regras e normalmente enxerga o mundo de uma maneira negativa, visto que é seguido por um incomodo e acredita que é necessário criar novas regras para corrigir esses problemas. Outro fato: “É apropriado pensar em reformadores como cruzados porque eles acreditam tipicamente que sua missão é sagrada” (BECKER, 2008, p. 153). Nesse sentido, relaciono ao modo como Lucas se apresenta “sou apaixonado pelos processos de transformação” e “sou um milagre”; termos tipicamente associados ao divino.

O autor elucida outro pensamento de que o criador de regras tenta impor sua própria moral às outras pessoas e acredita que os outros devem seguir suas regras a fim de obterem um benefício próprio. Isso também pode ser observado no discurso de Lucas de querer ajudar os homens a terem uma masculinidade saudável, uma sexualidade positiva e uma vida mais prazerosa e feliz.

Becker (2008, p. 158) declara, ainda, que: “A preocupação de um homem pode se tornar sua ocupação. O que começou como um interesse amador por uma questão moral pode se tornar um trabalho de tempo integral; de fato, para muitos reformadores, torna-se exatamente isso”. Essa afirmativa do autor condiz com o discurso apresentado por Lucas que, segundo ele, durante muitos anos, trabalhou com o mercado imobiliário

e sentia-se infeliz acerca da expressão de sua masculinidade e sexualidade. Entretanto, após uma experiência pessoal em um retiro de meditação, decidiu mudar de vida e, a partir dessa mudança pessoal, fundou o *Entre eles*, já com objetivos empreendedores, passando a trabalhar com a venda de cursos, workshops e palestras com uma causa que o interessava.

Os impositores de regras são sujeitos que assumem as novas regras criadas e passam a cobrar novos sujeitos para que as cumpram, e que também exijam de outras pessoas o cumprimento. Esse pensamento proposto por Becker (2008) condiz com a rede de homens “desconstruídos” do *Entre eles*, já que, no discurso de Lucas, não basta se transformar, os homens que compõem essa rede devem ser “agentes de transformação” e exercer a “broderagem saudável”, corrigindo outros homens que não seguem as regras propostas pela plataforma.

O autor reflete sobre os aspectos do empreendedorismo presentes nas regras morais: “O impositor, portanto, pode não estar interessado no conteúdo da regra como tal, mas somente no fato de que a existência da regra lhe fornece um emprego, uma profissão e uma *raison d'être*” (BECKER, 2008, p. 161).

Ainda, de acordo com o autor, os impositores de regras possuem necessidade de explicar seu trabalho, suas razões e tentar conquistar o respeito das outras pessoas. Nesse sentido, também Lucas declara sua experiência de vida de modo a justificar o porquê de ter se tornado um mentor das causas de masculinidades. Ele atribui ainda o valor do seu trabalho como uma “missão de vida” e declara “que ganhava muito mais dinheiro atuando como consultor de empresas, dando palestras, mas que preferia dar cursos a esses homens por acreditar que isso é o que de fato transforma as pessoas”.

Outra característica do empreendedor moral é ter uma visão pessimista do mundo e das pessoas, já que essa visão é o que mantém a necessidade da regra e do empreendimento. Com isso, há algo positivo na manutenção do que é visto como problema. Em outras palavras, o problema possibilita a continuidade do empreendimento (BECKER, 2008).

Em análise dos fatos do campo, quase que diariamente o mentor da plataforma apresenta críticas aos comportamentos dos homens, ao machismo e à violência contra a mulher. Já em outros momentos, argumenta ser urgente a necessidade de transformação dos homens e assegura que o diálogo sobre masculinidades saudáveis é algo muito novo e embrionário para os homens.

Já apresentei anteriormente, no segundo capítulo, uma hipótese que consiste na afirmativa de que o modelo de masculinidade saudável apresentado pelo *Entre eles* dialoga e exclui a masculinidade tóxica. Assim, esse projeto de homem ideal e empreendedor de si, nos termos de Scharff (2016), é um homem sensível, educado que se relaciona de modo igualitário com sua esposa, divide as tarefas do lar e cuidado com os filhos, dedica tempo à família e também a si próprio, buscando o autoconhecimento.

Esse perfil é buscado pelos homens que acessam o *Entre eles* e também admirado e desejado pelas mulheres, que acessam mídias digitais que compõem o mesmo seguimento do *Entre eles*.

Contudo, sustento essa posição em decorrência de dois fenômenos observados: primeiro, a presença de mulheres no grupo de Whatsapp do *Entre eles* que tinha por objetivo colher informações sobre esse modelo de masculinidade para posteriormente apresentar aos seus companheiros; e segundo, a constante presença de mulheres nas *lives* e nos comentários das publicações realizadas no perfil do Instagram. Ressalta-se, ainda, que é uma atitude visível a predominância de comentários realizados por mulheres.

Além disso, durante uma das *lives*, uma mulher que participava enviou um comentário solicitando que Lucas fizesse um aplicativo como o “Tinder” para pessoas que já houvessem feito os cursos do *Entre eles* e de outra mídia que produz conteúdos às mulheres.

Esses fenômenos observados remetem ao conceito de Connel (1995) de que os contextos sociais e culturais definem um modelo de masculinidade hegemônica o qual é admirado e desejado tanto por homens quanto por mulheres. Nesse sentido, constato que, para esse grupo de homens que compõem a rede do *Entre eles*, o modelo hegemônico é esse perfil “saudável” apresentado.

Connel (1995) expõe que as masculinidades hegemônicas dialogam, relacionam-se e excluem as masculinidades subalternas, que são masculinidades opostas ou diferentes do modelo desejado no contexto social.

Desta maneira, o que é apresentado nas mídias do *Entre eles* como sendo eixos de uma masculinidade tóxica são considerados como uma masculinidade subalterna e, portanto, rejeitada para esse grupo de homens. No caso, a subjetividade rejeitada corresponde a um modelo de homem “durão”, que não chora, não se emociona, relaciona-se agressivamente com as mulheres, demonstra desigualdade diante delas e

busca apenas a própria satisfação, desconsiderando a esposa e sendo distante afetivamente dos filhos.

Esse modelo subalterno que é apresentado como masculinidade tóxica pelo *Entre eles* diz respeito ao que Kimmel (1998) descreveu como um perfil de masculinidade norte-americana presente nos anos de 1830, num movimento denominado “*Self-Made-Men*”. Estes homens eram considerados devotos aos seus trabalhos e às relações homossociais, marcadas, muitas vezes, pela competitividade. Essa masculinidade correspondia a homens ausentes de seus lares, distantes afetivamente dos filhos e esposa, além de ansiosos, pois deviam a todo o momento provar e afirmar sua masculinidade.

Outro conceito que aparece em oposição nas mídias do *Entre eles* é a “broderagem saudável” e a “broderagem tóxica”. Segundo eles, a broderagem saudável seria uma rede de homens “desconstruídos” que acolhem as vulnerabilidades uns dos outros oferecendo apoio emocional e caminhos para a transformação de um eu saudável. Enquanto que a broderagem tóxica corresponde a um modelo de relação superficial, que julga o homem “para com isso, macho não chora”, e também que objetifica as mulheres e mantém a desigualdade de gênero.

Assim, a orientação dada aos seguidores do *Entre eles* é “transforme-se e componha uma rede de broderagem saudável, deixando de lado a broderagem tóxica”. Esse discurso também corresponde à teoria de Scharff (2016), analisada anteriormente, de que empreendedores de si rejeitam não empreendedores. Deste modo, os homens “desconstruídos” pelos discursos apresentados nessas mídias são sujeitos empreendedores ativos e “trabalhadores”, enquanto que os homens tóxicos são sujeitos “acomodados pelo patriarcado” e “preguiçosos” (como supõe Lucas Ribeiro) frente à mudança.

Nesses paradigmas, Kimmel (1998) trouxe importantes contribuições acerca do estudo de masculinidades, que parte dos mesmos pressupostos conceituais de Connel, argumentando que o hegemônico assume diferentes significados a depender do momento, do local e do contexto sociocultural em que vive.

Segundo ele, quando um grupo constitui um modelo de masculinidade tida como ideal, concomitantemente, delimita-se uma masculinidade periférica, a qual é excluída e marginalizada. O autor aponta que, no sistema econômico, o modelo hegemônico e central se distancia das periferias e sua suposição é a de que o mesmo ocorre com o gênero e a subjetividade.

A broderagem saudável foi também observada nas *lives* do *Entre eles* com os convidados: Eduardo, Paulo, Gustavo, Emanuel, Rafael e Sérgio. Todos aparentam um perfil de masculinidade semelhante ao de Lucas Ribeiro, com exceção à Eduardo e Gustavo, os demais são brancos. Os discursos indicam que são todos cisgênero, heterossexuais e discursam no mesmo sentido de performar uma masculinidade sensível, emotiva, cultivar relações de afetividade e proximidade consigo mesmo, com a família e com suas companheiras. Notei aqui que, além de a rede de broderagem saudável compor o mesmo gênero, possui ainda similaridades no perfil subjetivo e no contexto em que vive.

Tendo já analisado o hegemônico e subalterno no *Entre eles*, elucidado outro fato observado na fala da seguidora que comentou durante a *live* “Lucas, faça um aplicativo de relacionamentos como o “Tinder” para homens e mulheres que fizeram os cursos do *Entre eles* e mulheres que fizeram cursos em mídias voltadas para mulheres”. Esse discurso fez pensar nos objetivos de empreendedorismo da plataforma e também nas necessidades do público de seguidores.

Para discorrer sobre isso, tomo emprestado da administração e do marketing o conceito “ninho de mercado”, que se trata de grupos de pessoas que têm suas necessidades pouco olhadas e pouco atendidas. É um grupo de pessoas que corresponde a uma pequena parcela de um público consumidor em que o mercado não costuma atender suas necessidades. Assim, as empresas que observam e atendem esses grupos adquirem uma vantagem competitiva frente à venda de seus produtos. Nesse sentido, o *Entre eles* flui nesse segmento: de vender produtos e cursos a um público bastante específico, que chamam de “homens e mulheres desconstruídos”.

Os conceitos detalhados nas *lives* do *Entre eles* expressam uma pedagogia e o conteúdo do currículo educacional proposto nos cursos oferecidos por Lucas. O tipo de homem ideal, hegemônico e saudável aprende por meio de um currículo que aborda a sensibilidade, a liberdade, a educação, boas habilidades sociais e relacionais, igualdade com as mulheres na vida e no sexo e uma boa rede de relacionamento com outros homens.

4 RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E PATERNIDADE

4.1 Pedagogias e currículos das relações de gênero

Silva (1999) assegura que os estudos de gênero tiveram início e um certo predomínio em relação às mulheres, mas que atualmente muito se tem pesquisado sobre masculinidades, a saber: como estas se constroem e qual o tipo de homem que se deseja formar para uma sociedade. A partir disso, as instituições de ensino questionam quais conteúdos devem ser inseridos na construção dessas masculinidades.

As teorias feministas de identidade de gênero foram concebidas como algo fixo, estável e rígido, porém a teoria queer vem questionar esses conceitos, afirmando a instabilidade nas subjetividades e ampliando a concepção de que apenas o gênero é construído socialmente. Assim, nessa teoria, toda sexualidade é uma construção social, rompendo com a separação corpo-biológico, gênero-social (SILVA, 1999).

Na teoria queer, não apenas a conduta e o jeito de ser relevam a masculinidade e a feminilidade como construções sociais, mas toda a maneira de expressão da sexualidade. Aqui o corpo é visto não como biológico apenas, mas carregado de significados sociais que fazem sentido num local, período histórico e cultural nos quais a pessoa está inserida.

A teoria queer problematiza o conceito de identidade da teoria feminista que estabelece características e lugares fixos, criando fronteiras e delimitando espaços para o “ser”. A identidade é vista na teoria feminista como uma relação, por isso a identidade de uma pessoa depende da identidade de outra pessoa, sendo construída socialmente por meio da linguagem e dos discursos, limitando “ser” ou “não ser”, de modo rígido e estabilizando entre o que eu sou e o que não sou, entre eu e o outro (SILVA, 1999).

Essa problematização em torno de identidade foi realizada a partir dos estudos de Judith Butler, teórica queer, que desenvolveu o conceito de “performatividade”, o qual indica a performance de masculinidades e feminilidades para além de uma identidade sexual fixada por discursos sociais, mas que fluem nas formas de expressão dos sujeitos. Desta maneira, a definição de performance torna-se menos centrada à ideia de ligação a um núcleo geral estabelecido sobre ter uma determinada identidade sexual (SILVA, 1999).

Assim, de acordo com Silva (1999), o pensamento queer envolve questionar, discordar, problematizar a fixidez que envolve a identidade e o conhecimento. Trata-se,

portanto, de uma teoria que busca ser “impertinente e desrespeitosa” na medida em que desconstrói padrões estabelecidos e determinantes.

Para o autor, a pedagogia queer defende que o currículo seja composto pelas temáticas de gênero e sexualidade, não reduzindo apenas a promover ações de enfrentamento à homofobia, noções de certo ou errado, noções biológicas e métodos contraceptivos e reprodutivos.

A questão da sexualidade é muito frequente na escola, mas igualmente ignorada. A pedagogia queer não pretende apenas estimular a tolerância à homossexualidade, ou sequer incentivar uma abordagem psicoterapêutica do assunto, segundo ela, o pensamento de tolerar o homossexual, o diferente, fortalece as concepções do binarismo instaurado no meio social e marca ainda mais a diferença, visto que há duas partes nessa relação, o heterossexual tolerante e o homossexual tolerado, numa perspectiva de divisão e exclusão de normal e anormal. Semelhantemente, uma abordagem terapêutica iria intervir individualmente e em nível psicológico numa demanda que é histórica, política, social e cultural.

À luz disso, Paraíso (2016) esclarece que as instituições sociais e educacionais possuem um currículo que ensina muito acerca de gênero, como ser, se portar, afirmando e naturalizando conduta de meninos e de meninas na escola e na sociedade. As noções de certo e errado em termos de gênero e sexualidade que são aprendidas nas escolas tornam esse ambiente e o currículo como reguladores sociais. Os corpos regulados são considerados adequados e normais, enquanto que os desviantes necessitariam de uma intervenção pedagógica.

Paraíso (2016) argumenta que há duas funções no currículo: ensinar e aprender. A primeira delas corresponde, de modo geral, a transmitir conhecimentos, informações e conteúdos; já a segunda refere-se a uma relação com o outro para aprender significados, sentidos e modos de ser, que na perspectiva da autora são contrários às rigidezes estabelecidas em identidades.

Mediante isso, há um fato a ser considerado sobre o ensinar e o aprender, pois, muitas vezes, estão em oposição. Ensinar no currículo e na escola passa pelo desejo de homogeneização e padronização dos sujeitos, mantendo fielmente o conteúdo ensinado e transmitido conforme sua origem, enquanto que o aprender está num território contrário à normatização, já que questiona a rigidez, abrindo espaços para novas significações que há no contexto cultural.

De acordo com Paraíso (2016), as instituições sociais e educacionais carregam pedagogias e currículos que demarcam o gênero e determinam o aceitável e recusado para homens e mulheres. Em suas pesquisas educacionais, a autora defende que o que se espera de professoras e professores são condutas e discursos diferentes, visto que, em geral, das professoras espera-se afeto, já dos professores a disciplina.

Paraíso (2016) declara que o afeto implica uma relação que, no sentido mais usual, caracteriza afinidade, amizade, amor, entre outros. Por isso, as professoras tendem a chamar os alunos de “meu bem” e por adjetivos que trazem a ideia de proximidade e carinho com o instrumento pedagógico. Outro fato é que normalmente em salas de crianças pequenas é mais comum ver as professoras atuando, pois às mulheres são delegadas as funções de afeição, cuidado e acolhimento. Por outro lado, espera-se que os professores homens façam intervenções direcionadas a exigir disciplina e correção dos alunos, especialmente dos mais velhos, os adolescentes, aqueles que as professoras apresentariam maiores dificuldades em falar com eles. Assim, como a educação é delegada tradicionalmente à professora, igualmente as mães costumam ser chamadas na escola e responsabilizadas pelo sucesso ou fracasso no desenvolvimento educacional.

Nesse sentido, segundo Silva (1999), o currículo carrega hierarquias de classes sociais no âmbito do capitalismo e igualmente hierarquias nas relações de gênero. Para sustentar essa tese, expõe que, na concepção feminista, nada é mais masculino do que a própria ciência, como o fato da neutralidade, separação entre corpo e mente, razão e emoção, dentre outros atributos socialmente masculinos. Reforça que há muitos estereótipos de gênero que são comunicados implicitamente pelas instituições de ensino, como, por exemplo, imagens que apresentam homens em função de médico e mulheres em função de enfermeiras, nos livros didáticos. Assim, existem vários acordos sociais que mantêm certa prevalência de símbolos do masculino, o que para a teoria feminista sustenta a desigualdade na relação de gênero.

Nessa direção, questiono se uma das condutas adotadas por Lucas Ribeiro no *Entre eles* seria a função de “disciplinar os homens” ou “chamar a atenção deles”, visto que, em diversos momentos, ele fala em tom de cobrança “é urgente a necessidade de mudança nas masculinidades”, “é necessário que os homens se organizem para mudar”, ou mesmo “a sociedade não aguenta mais o machismo, o machismo mata homens e mulheres”.

Em uma das *lives* analisadas, Lucas afirmou que ministrava consultorias empresariais sobre equidade de gênero e que, por algumas vezes, ouviu relatos do contratante que buscava homens para ministrar treinamentos, pois os funcionários de sua empresa não ouviam mulheres e as menosprezavam não dando a devida credibilidade. Então, ele como homem era chamado para que os funcionários homens participassem do treinamento e melhorassem seu desempenho e comportamento na organização empresarial. Talvez esse fato justifique o porquê apenas em uma *live* aparece uma mulher para dialogar sobre masculinidades, pois homens costumam credibilizar mais outros homens.

Outro fato abordado por Paraíso (2016) é a generificação embutida no currículo, como são as expectativas acerca do comportamento de meninos e meninas. Em geral, espera-se dos meninos maior dificuldade na aprendizagem teórica nos anos iniciais, tais como: desatenção, desobediência, indisciplina e agressividade; porém maior facilidade em atividades esportivas, projetos musicais, entre outros. Ao contrário, consideram-se as meninas mais estudiosas, ouvintes atenciosas, educadas e com melhor habilidade na escrita e na leitura. Dessa maneira, o raciocínio curricular é que meninos e meninas devem ser educados de modo diferente, afinal são diferentes e possuem comportamentos baseados em seu gênero.

Essas diferenças apresentadas pela autora são construídas socialmente e acabam por ser reproduzidas nas expectativas que se têm sobre o comportamento de homens e mulheres, o que reflete diretamente nas constituições de masculinidades e feminilidades.

Assim, as observações obtidas nesta pesquisa sugerem concordar com esses fatos, já que, por várias vezes, Lucas argumenta que as mulheres são muito mais engajadas em movimentos feministas, muito mais empenhadas e dedicadas em debater e dialogar com as pautas relacionadas à feminilidade e sexualidade, enquanto que, para os homens, isso é uma pauta embrionária, poucos se engajam, poucos se dispõem a estudar masculinidades e sexualidade. É como se o professor Lucas estivesse entendendo que as mulheres realmente são melhores alunas que os homens.

Outro importante fato considerado por Paraíso (2016) são os dilemas enfrentados pelos meninos nas escolas: “ser o menino que os colegas aprovam ou ser o menino que os profissionais da diretora de uma escola demandam?”.

As observações obtidas no *Entre eles* evidenciam que vários homens demonstraram preocupação semelhante a essas descritas pela autora: “Devo ser um

homem desconstruído, emotivo, romântico, igualitário? Ou ser um homem viril, forte, provedor e potente que corresponde às expectativas das mulheres?”.

Em diversos momentos, comentários como esses estiveram presentes nas *lives* sobre relações conjugais, sexo e sexualidade, mostrando-se uma evidente preocupação dos homens.

Na *live* com a Roberta Nunes, que será apresentada posteriormente, a convidada afirma que as mulheres são machistas assim como os homens, pois se constroem no mesmo contexto social patriarcal e de hegemonia masculina e, dessa maneira, carregam idealizações de que um homem ideal seria um sujeito com características socialmente tidas como machistas.

Acredito, ainda, que essa preocupação dos homens não se refere apenas sobre o que as mulheres pensarão deles, mas também o que os outros homens pensarão. Nesse sentido, há preocupações em torno de ser o homem que agrada a rede *Entre eles* e o “professor” Lucas ou ser o homem que é admirado pelas mulheres e por outros homens?

Voltando-se para a constituição das feminilidades e a relação social com as masculinidades, a autora Paraíso (2016, p. 222) defende que o modelo curricular de mulher ideal:

Trata-se de um modelo de menina extremamente útil na cultura, pois a menina boa e esforçada, que segue as regras e é obediente, além de ser mais facilmente governada, pode, quando crescer, se tornar a mãe cuidadosa ou a professora afetiva necessária para educar a menina bem comportada e o menino ativo, criativo, desobediente, contestador de regras, racional que a sociedade generificada demanda e produz por meio de atos performáticos.

Paraíso (2016) descreve uma série de características predeterminadas para meninos e meninas no ambiente escolar. Dos meninos espera-se dificuldade de controle, desobediência, indisciplina, agitação, questionamentos, enfrentamentos, falta de limites, desrespeito, falta de habilidades escolares, agressividade, condutas impróprias, dificuldades relacionais, sujeitos com maior grau de confiança, melhor percepção e atividade. Enquanto que das meninas espera-se basicamente o oposto, silêncio, obediência, tranquilidade, afetividade, tolerância às frustrações e aos limites impostos, menos perceptivas e maiores habilidades relacionais.

Em geral, meninos e meninas que fogem a esses padrões são acusados de ocupar um lugar que não é seu na leitura curricular.

A partir disso, retomo um pouco as observações do campo sobre os receios dos homens que desejam pensar suas masculinidades.

O pensamento exposto por Paraíso (2016) é que socialmente um homem sensível, educado, estudioso e respeitoso não é visto como ocupante de um lugar que é seu: “de homem”. Alguns seguidores relataram inquietações semelhantes a essas em comentários que afirmavam o desejo de mudar, mas também medo de mudar; já outros abordaram o receio de terem suas masculinidades e a própria sexualidade questionada.

Essas questões implícitas no currículo em termos da relação de gênero acabam por determinar condutas paternas e maternas, uma vez que socialmente é delegada à mãe a função de educar, acolher, ser afetiva, promover o desenvolvimento; enquanto que socialmente os pais são mais distantes afetivamente dos filhos e se encarregam da disciplina e da correção.

No sentido de promover mudanças a esses padrões fixos, Paraíso (2016) expõe que o currículo performático subversivo seria capaz de questionar as fronteiras e as delimitações de gênero, atuando pela hibridização dos sujeitos, opondo-se às separações e divisões que hierarquizam.

Este currículo desautoriza as regras impostas, abrindo espaços à espontaneidade e instabilidades das diferentes subjetividades.

Assim, o modelo desse currículo é, conforme Butler, um currículo performático, não fixo, não rígido ou mesmo estável, mas flutuante.

Outro modelo curricular apresentado é o currículo corpos abertos, que se dispõe a desconstruir os currículos tradicionais já propostos, desaprender o aprendido, desaprisonar as estabilidades ensinadas no gênero e possibilitar que os corpos sejam abertos, flexíveis às diferenças que fazem parte do sujeito.

Nesses termos, considerando a educação para além do contexto escolar, Silva (1999) assegura que assim como a educação formal, a cultura também age como um processo educativo e de construção de subjetividades, sendo que os elementos culturais também são pedagogias de subjetividades.

Do mesmo modo como a escola e os cursos ensinam, as mídias televisivas “e digitais atualmente” [aspas minha] também ensinam, e transformam sujeitos. Pode-se afirmar que tanto as escolas quanto as atividades extraescolares, mesmo que não disponham de um currículo formal, ambas ensinam alguma coisa, compartilham conhecimentos e informações, transformam pessoas, inserem novas formas de pensar e, conseqüentemente, constroem subjetividades.

Essas formas culturais de “ensino” muito se diferem das práticas escolares na composição de seus currículos e pedagogias, afinal, como esses dispositivos culturais possuem interesses, geralmente comerciais e econômicos, dispõem de melhores investimentos e tecnologias, investem no âmbito afetivo, na emoção, na fantasia e imaginação afim de que sejam apresentados de modo agradável e que despertem maior curiosidade. Dessa maneira, conseguem resultados mais eficazes do que com as estratégias escolares formais (SILVA, 1999).

Diante disso, o *Entre eles* opera socialmente como uma prática pedagógica cultural, acessado por milhares de seguidores nas mídias digitais e com interesses comerciais. Além disso, despertam interesses de um bom público por meio de aulas ministradas com utilização de ótimos recursos midiáticos, bonecos com anatomia idêntica à de seres humanos, dentre outros recursos que tornam a plataforma atrativa a quem os seguem, de tal forma que favoreçam a aprendizagem em gênero e sexualidade.

Mediante o exposto, sustento que há uma pedagogia e um currículo operando nas mídias digitais do *Entre eles* sobre as relações de gênero, sexualidade e paternidade. Esses conceitos foram desenvolvidos em *lives* realizadas por Lucas Ribeiro e contaram com a participação de convidados.

De modo semelhante ao capítulo anterior, inicio apresentando dois participantes¹⁰ das *lives* que abordaram as temáticas.

Roberta Nunes, mulher cisgênero, heterossexual, criadora de conteúdo digital, comunicadora, colunista e pesquisadora de relacionamentos.

Bruno Alves, homem cisgênero, heterossexual, casado, pai de dois filhos, criador de conteúdo digital, vende cursos, palestras, workshops e consultorias com as temáticas: masculinidades, paternidades, equidade de gênero e cuidados.

No dia 12 de outubro de 2021, Lucas Ribeiro realizou uma *live* no perfil do Instagram do *Entre eles* com a participação de Roberta Nunes com o tema: "A desconstrução é pra todxs".

Iniciando a pauta, Roberta declara que as mulheres devem deixar o discurso “nós versus eles”, analisar mais profundamente o discurso de que são vítimas do patriarcado e reconhecer os benefícios que o machismo traz a elas: “as mulheres não querem o lado ruim do machismo, o cara agressivo e violento, mas querem o cara que pague as contas e abre a porta do carro. Isso não é machismo nas mulheres?”.

¹⁰A fim de preservar as identidades, utilizei nomes fictícios para me referir aos participantes das *lives*.

A convidada aponta ainda que, durante a pandemia, ouviu muitos relatos de mulheres que se separaram do companheiro por este ter perdido o emprego, diminuído sua renda ou mesmo por ter expressado vulnerabilidades, como a depressão, por exemplo. Relata, ainda, que muitas mulheres cobram do marido uma virilidade compulsória e não tratam com naturalidade problemas de seus companheiros no sexo, como ejaculação precoce ou dificuldade de ereção.

Roberta discorre sobre uma pesquisa cujo resultado revelou que a maioria das mulheres declararam que procuram um homem com perfil socioeconômico igual ou superior ao delas e não aceitariam se relacionar com um homem que ganha menos.

Outro ponto destacado na pesquisa que cita é o fato de que a maioria das mulheres espera de um homem “estabilidade e segurança”, enquanto que características como “sensibilidade e diálogo” ficaram entre as últimas opções. Nesse sentido, assegura que a mulher também oprime o homem quando cobra dele ganhar muito dinheiro e consiga suprir todas as necessidades da família; quando espera que ele seja sempre apto para o sexo e exige que ele seja sempre forte e autossuficiente.

A *live* finaliza com a afirmativa de que as mudanças devem iniciar-se no micro, para posteriormente suscitar uma transformação social. Mencionou os relatos de uma mãe que comprou uma boneca para que o filho brincasse de ser papai, acreditando que atitudes assim, em longo prazo, podem minimizar a desigualdade de gênero, aproximando os homens do ambiente doméstico e rompendo com a toxidade das relações.

O primeiro ponto observado foi a presença de uma mulher em uma rede de homens que mostrou, no grupo de Whatsapp, parecer uma rede bastante fechada a aceitar a participação de mulheres para o diálogo. A fala de início da convidada “as mulheres precisam deixar o discurso nós versus eles” fez pensar que há um interesse de aproximar homens e mulheres, no sentido de negociar masculinidades e feminilidades, negociar afetos e compromissos.

O discurso apresentado parece negociar um lugar “mais confortável” não apenas para as mulheres, mas principalmente para os homens. Por algumas vezes, a convidada levantou reflexões pontuando que a mulher tem o machismo dentro de si e que muitas tiram proveito da situação, deixando de humanizar o homem, impossibilitando estes de expressar vulnerabilidades e também colhendo “benefícios do machismo” como querer um homem que “pague as contas”, conforme proposto na fala de Roberta.

Também parece evidente que, para o *Entre eles*, o interesse está em discutir relações heterossexuais, levando em consideração o interesse empreendedor e de mercado da plataforma, já que a rede é composta majoritariamente por homens heterossexuais.

Nesses moldes, é relevante pensar sobre a constituição do gênero em Butler (2003). No livro “Problemas de gênero” a autora aborda concepções críticas às ideias de que o sexo tem seu fim na natureza, e o gênero na cultura. A autora discorda das dicotomias entre natural e cultural, homem e mulher, masculino e feminino. Suas teorias afastam-se dos conceitos de identidade presente no feminismo, e em outros movimentos sociais de gays, lésbicas, transexuais, entre outros.

Para Butler (2003), o gênero é o resultado de relações sociais, políticas, históricas e culturais. Deste modo, afirma que o sexo, a sexualidade e o gênero não compõem estruturas fixas, rígidas e enraizadas como sendo “identidades”, mas são inscrições construídas discursivamente na cultura. No texto, Butler questiona “o que é mulher?”, “o que é homem?” [aspas minhas], criticando o caráter natural das diferenças físicas.

A autora assegura que não há essência em ser homem ou mulher, mas que sexo, sexualidade e gênero são construções sociais, culturais, que se modificam no curso do tempo e, portanto, da história. Em outras palavras, estão sempre modificando-se nos sujeitos, por isso não remetem à noção de identidade.

Na obra de Butler (2003), pode-se observar, ainda, que a autora transpõe a conduta imparcial do corpo, apresentando elementos que o mostram extremamente político e que permanece centralizado aos interesses da vigília das organizações da sociedade, destacando as instituições forense, religiosa, familiar, de ensino e da medicina.

O gênero é também constituído e protegido por tais organizações sociais e, ao mesmo tempo que serve como instrumento que compreende conclusões, diretrizes e condutas estadistas, opera acerca dos corpos, certificando e propagando, por meio da cultura, protótipos considerados normais e desejáveis culturalmente perceptíveis.

Uma vez destacado o pensamento de Butler, referencial teórico desta análise, observo que os discursos do *Entre eles* parecem manter os binarismos natural versus cultural e também homem versus mulher. Nesse sentido, o evento “Capacidade Masculina”, ofertado pelo *Entre eles* em outubro de 2021, indicou a naturalização das diferenças anatômicas *Entre eles* e mulheres.

Na segunda aula do evento, Lucas sustenta que, para melhorar a sexualidade e o sexo, é preciso conhecer os sistemas libidinais de homens e mulheres e entender o funcionamento do corpo feminino e as partes de que este é composto. Nesse momento, apresentou objetos representantes de uma pelve, clitóris, vulva e canal vaginal.

Lucas apresentou também uma tela com a descrição da anatomia genital externa masculina, demonstrando a localização do pênis, prepúcio, glândula, saco escrotal e períneo. Posteriormente, apresenta a anatomia genital externa feminina, composta também por órgão interno, explicita a diferença entre vulva e vagina, mostrando que a vulva é a área externa do genital, e o canal vaginal é interno, indica a localidade da uretra, da bexiga, do canal vaginal, do útero e do clitóris. Lucas continua relatando que o clitóris é um órgão específico de prazer para a mulher, e que o homem que se relaciona com mulheres precisa valorizar essa parte anatômica delas durante o sexo, porém muitos não sabem nem o que é.

Em vários momentos, em *lives*, Lucas expõe as diferenças “naturais e biológicas” do corpo do “homem e da mulher”, e mesmo o e-book gratuito disponibilizado pela plataforma aponta para essas dicotomias.

Sobre as construções do gênero, o *Entre eles* também demonstra uma divisão entre diferentes categorias para homem e mulher. Lucas declara que as masculinidades são construídas por meio da existência de uma “caixa do homem” com comportamentos ideais, e que esse isso advém do homem europeu, branco, heterossexual, ativo, dominante, bem sucedido que não se emociona. E que todos devem compreender que esse lugar não é ocupado pela maioria, mas é possível construir novos referenciais mais saudáveis e que promovam autenticidade às expressões que cada sujeito quer dar a sua própria vida.

Lucas projeta imagens de homens que representam ideais performáticos de masculinidades, como “o Rambo – Sylvester Stallone” e “Arnold Schwarzenegger”, que são referenciais de força, virilidade, que sabem se defender, fortes, competitivos; e “Brad Pitt” bem sucedido, bonito, capaz de “pagar as contas”, homens que, no plano idealizado, são capazes de ocupar o espaço do controle, ser pegador e não chorar.

Ao mesmo tempo que o *Entre eles* critica essas formulações sociais para a constituição das masculinidades, a plataforma parece ter o objetivo de formar masculinidades no mesmo formato de uma caixa, porém com características “saudáveis” como eles definem. Deste modo, a análise desses fatores é que o conteúdo

trabalhado em termos de gênero mantém as divisões e fixidez criticadas por Butler (2003).

De acordo com Butler (2003), quando assegura que o gênero é social, cultural e político, as mídias digitais do *Entre eles* parecem associar-se politicamente a um conjunto de outras mídias digitais para dialogar sobre uma nova forma de relação entre homens e mulheres.

Se em tempos passados a política de gênero fazia sentido na divisão, atualmente o contexto sociocultural, influenciado pelos feminismos, pressupõe que as relações sejam de modo mais igualitário. Desta maneira, o *Entre eles* não é uma mídia digital neutra e desconexa do social, mas compõe um grupo de mídias que se dispõe a dialogar sobre um novo formato das relações de gênero, pois todos os seus convidados são produtores de conteúdo digital e estão inseridos no mesmo nicho.

Outro conceito observado no campo foi a “pedagogia do prazer a dois”, desenvolvido no “Curso: Conectados” para casais que enfrentam “crises na relação”.

Na primeira semana de junho de 2021, a página do Instagram do *Entre eles* e de outra mídia digital, destinada a mulheres, realizaram uma série de cinco publicações para divulgação do curso: “Conectados”. As publicações lançavam desafios e reflexões aos casais que sentiam necessidade de melhorar a relação conjugal e tinham por objetivo dar publicidade ao curso que é oferecido por um site e requer um investimento de R\$ 980,00. O curso é dividido em oito módulos que abordam temas como: o início do relacionamento, estar juntos, mas com afastamento afetivo, necessidade de comunicação, sexualidade é mais que sexo, dificuldades da relação, relacionamento familiar e a presença de filhos, e a pedagogia do casal.

A primeira publicação aponta para reflexões em torno das idealizações do amor romântico: “Beijo ao acordar sem bafo matinal? Conchinha à noite inteira sem o braço ficar dormente? Banho a dois sem disputar o espaço embaixo da água quente? O ideário romântico é repleto de armadilhas, ao invés de encarar nossas relações como elas são, passamos a encarar como deveriam ser, e isso é um prato cheio para a frustração e insatisfação com a pessoa amada”.

Na segunda publicação, a reflexão aborda situações engraçadas e constrangedoras envolvendo o sexo “Quem nunca... Passou por uma dor de barriga na hora H? Se surpreendeu com um pum vaginal durante a transa? Perdeu uma camisinha dentro da vagina? Presenciou uma ejaculação precoce? Viveu uma broxada? Teve dificuldade de achar o clitóris? Às vezes a transa envolve situações delicadas que

frequentemente nos deixam intimidadas (os), constrangidas (os) ou sem reação. Deixamos o climão instaurar só pra não tocar no assunto. E aí o que poderia ser só um probleminha ganha uma lente de aumento e vira um problemão dentro dos relacionamentos”.

A reflexão promovida na terceira publicação diz respeito às relações simbióticas: “Você conhece alguém, se apaixona e quando vê, está completamente entregue a essa nova relação. Um belo dia você acorda, se olha no espelho e não se reconhece mais. Você apenas se dá conta de que já se perdeu de si. Você quer voltar a se sentir bem, seja só ou acompanhada (o). E para isso você percebe que no lugar de buscar culpados, será muito mais proveitoso construir caminhos para resgatar a sua individualidade de uma maneira saudável”.

A publicação do quarto dia é “Se organizar direitinho todo mundo transa, mas será que tem orgasmos?”. Homens e mulheres fingem orgasmos, no geral, para contornar suas inseguranças, mas o que motiva essas inseguranças são fatores muito distintos para eles e para elas. Além disso, a epidemia do fingimento dos orgasmos parece ser consideravelmente mais expressiva entre as mulheres do que entre os homens.

A última publicação da série “Qual é o motivo da treta?” aborda assuntos externos ao casal que podem gerar conflitos na relação, como a maneira como lidam com o dinheiro e as influências de familiares. “Cada um tem o seu jeito de lidar com o dinheiro e terá seus relacionamentos afetivos influenciados pela relação com sua família. A treta é quando a gente não considera que essas influências existem, ou escolhe deliberadamente não olhar pra elas, trazendo um verdadeiro entrave ao amadurecimento emocional do casal. Afinal, quem não elabora, costuma repetir nas relações os problemas de origem geracional”.

Nessa temática, observo que o *Entre eles* parece problematizar a relação conjugal numa perspectiva de crítica ao amor romântico preconizado nos tempos passados, por isso a proposta dessa mídia digital é comunicar uma nova forma de “amor liberal” como o proposto nos estudos de Miskolci (2013) e Pelúcio (2017).

Miskolci (2013) desenvolveu o conceito de “economia do desejo” como uma maneira de estabelecer relações entre afetos, sexo e amor a partir de uma configuração econômica, de relação de trabalho, produto e consumo que tem sido formulada e mediada digitalmente.

As pesquisas de Pelúcio (2017) sobre masculinidades heterossexuais contemporâneas abordaram essa problemática dos relacionamentos mediados em aplicativos com os quais as pessoas devem lidar e, assim, escolher a “melhor opção”.

Partindo disso, observo três pontos no *Entre eles*: primeiro os cursos ofertados para homens (Entre eles) e os que são ofertados para mulheres em outra plataforma, e para casais, cuja pretensão é tornar os sujeitos a “melhor opção”; logo os afetos são negociados como um mercado, e as pessoas colocadas como um produto; segundo, o “amor neoliberal” é assumido na fala de Lucas que “homens desconstruídos devem buscar mulheres desconstruídas”; um terceiro fato da lógica liberal para os afetos é o pensamento de que o casal deve “cada um buscar a satisfação em si mesmo” como é indicado no caso da “autoestimulação saudável”.

4.2 Paternidade e Sexualidade

No dia 18 de outubro de 2021, Lucas Ribeiro realizou uma *live* no perfil do Instagram do *Entre eles* com o convidado Bruno Alves com o tema “Paternidade e Sexualidade”.

Bruno inicia com a reflexão de que a paternidade coloca o homem em crise, pois altera seu papel e sua sexualidade: “será que é possível ser homem durante o puerpério? Ser homem três meses sem sexo?”. Segundo ele, a energia libidinal da mulher está canalizada na tarefa mais emergente de “cuidar do filho” e sobra pouca disposição para o sexo. O convidado afirma que essas situações angustiam muitos homens e acabam sendo comuns nesse período: separações e relações extraconjugais em virtude da falta de diálogo e de conexão entre os casais. Bruno descreve que duas falas de sua esposa o fizeram despertar da cobrança excessiva por sexo que direcionava a ela, a primeira: “enquanto você não ocupar seu lugar de pai, eu não te reconheço como homem”; e a segunda: “tá bom, você quer que eu transe com você sem vontade? É isso?”. O convidado assegura que a indisponibilidade da esposa para o sexo deve fazer com que o homem busque por si próprio canalizar sua energia sexual, seja para a “autoestimulação saudável” seja para uma atividade substituta, assim “é importante manter os acordos do casamento, deste modo, se tratar de uma relação monogâmica? Caso a resposta for sim, então não deve buscar sexo com outra pessoa”.

Lucas demonstra que 75% dos trabalhos referentes ao “cuidar” são conduzidos por mulheres e aponta que, numa pesquisa recente, foi disponibilizada a informação de que, se esse trabalho fosse remunerado no Brasil, aumentaria o PIB em 11%.

Nesse sentido, considera a desvalorização das atitudes relacionadas ao cuidado e aponta a necessidade de os pais também assumirem essas funções de zelar pelos filhos. Declara, ainda, que as tarefas devem ser divididas de modo igualitário, caso contrário isso também terá um reflexo na vida sexual do casal, já que: “como uma mulher cansada e exausta vai ter energia para o sexo?”.

A *live* é finalizada com a reflexão de que a paternidade é uma grande oportunidade de transformação das masculinidades: “afinal eu não quero esse mundo de objetificação da mulher para minha filha”.

O conteúdo exposto nessa *live* provocou duas sensações distintas. A primeira delas é que os pais devem cuidar de seus filhos e se relacionar com afetos, simplesmente pelo fato de serem pais. Segundo, num dado momento pareceu que dividir as tarefas com a mãe da criança poderia também trazer ao homem o benefício de ter o sexo.

Durante a *live*, criticaram ainda o modelo social tradicional em que o pai assume exclusivamente uma função de provedor, e a mãe oferece os cuidados. Discorreram ainda sobre uma grande quantidade de mães solas no Brasil, crianças sem o nome do pai em registros de nascimento e outras que, apesar de residirem com os pais, estes permanecem ausentes.

Nesses referenciais apresentados, a autora Grossi (2004) argumenta que a paternidade tem sido vista a partir de novos paradigmas, já que os modelos sociais tradicionais indicavam que a função da paternidade seria a provisão das necessidades e também dos ensinamentos da lei, enquanto que os afetos e cuidados corresponderiam às funções da maternidade, olhar este que mantém a lógica binária em torno do gênero.

Mirian (2004) propõe que, na atualidade, os termos paternidade e maternidade têm sido substituídos por parentalidade, em que não há papéis fixos e rígidos.

A autora discorre também sobre a expressão “pãe”, uma possibilidade de o homem assumir as funções de pai e de mãe. Assim, para ela, o modelo de parentalidade coloca as crianças em uma ampla possibilidade de configuração familiar, porque estas podem conviver com pessoas que não são pais biológicos, mas convivem juntas por laços de afetividade e/ou necessidades.

Grossi (2004) menciona a pesquisa que Maria Juracy Siqueira realizou numa cidade brasileira, onde os homens que exerciam as funções de cuidado com os filhos e “eram bons pais” poderiam não se tratar de esposos fiéis na conjugalidade. Segundo a autora, o “pãe” pode ser um homem que represente um ideal de masculinidade e paternidade, mas também pode ser aquele homem que traia esposa, agride a mulher e

vive uma dupla moralidade. Assim, a autora conclui que podem existir várias expressões da paternidade, e que esta não resume a subjetividade do homem, mas é apenas mais um elemento.

Esse pensamento da autora parece contrariar a proposta anunciada no *Entre eles* de que a paternidade positiva compõe um aspecto do “homem saudável”, visto que uma “boa paternidade” pode ser característica de um homem infiel no casamento, por exemplo.

Mediante o exposto nesse capítulo, os discursos do *Entre eles* sobre as relações de gênero pretendem questionar a estabilidade de identidades e papéis atribuídos socialmente a esposos e esposas e a paternidade e maternidade.

A proposta apresentada por Lucas e seus convidados abordam as relações conjugais em tom de crítica às idealizações do amor romântico, negociam afetos no sentido de que cada casal deve conversar, ter seus acordos relacionais e definir o que é melhor para si, adotando uma perspectiva flexível na relação.

A rigidez observada nestes discursos refere-se ao padrão de ser um homem saudável enquadrado dentro de características, como, por exemplo, não acessar a pornografia.

No que se refere à paternidade, mas uma vez esses sujeitos do *Entre eles* buscam questionar os aspectos fixos determinados socialmente sobre o que é ser pai ou mãe, visto que a proposta dialogada nas *lives* aborda basicamente a importância de os homens não serem apenas pais para a disciplina e correção, mas que sejam afetivos, acolhedores e participem do desenvolvimento integral do filho.

Desta maneira, para a rede de homens do *Entre eles*, a masculinidade hegemônica nas relações conjugais corresponde a uma proposta flexível na relação com sua companheira, uma relação igualitária que deixe o machismo de lado, que aborde o companheirismo na vida e no sexo e a divisão das responsabilidades do lar como os cuidados com a casa e o pagamento das contas. Já a paternidade hegemônica, corresponde a um sujeito afetivo, acolhedor e próximo da educação dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados finais dessa pesquisa indicam que há uma pedagogia, um currículo e um sistema de avaliação de masculinidades operando nas mídias do *Entre eles* com a finalidade de direcionar conteúdos a homens a fim de propor modelos de masculinidade que transitam no campo do que chamam masculinidade saudável, sexualidade positiva, das relações de gênero e no campo da paternidade.

O tema transversal desse currículo é o sexo e a sexualidade, visto que são temas que entrelaçam os demais apresentados. Assim, a sexualidade compõe as discussões sobre masculinidade saudável, a forma de relação consigo mesmo por meio da autoestimulação saudável, as relações com as mulheres e também com outros homens na broderagem saudável.

A avaliação do ensino dessa mídia digital é realizada não por seu mentor, mas pelas esposas de seus alunos, visto que elas são quem avaliam os resultados das mudanças na masculinidade de seu parceiro. Esse pensamento foi sustentado a partir dos relatos de Lucas, em que as esposas agradeciam a ele pelas mudanças ocasionadas em seus companheiros.

É possível afirmar que essa mídia digital se constitui em uma plataforma educacional que abarca um tipo de empreendimento cultural e moral, e possui um número significativo de seguidores que, influenciados pela cultura da autoajuda, buscam direcionamentos em termos de gênero e sexualidade, uma vez que o contexto social e os feminismos tensionaram as masculinidades e as formas de relacionamentos heterossexuais, modificando papéis que anteriormente eram fixos, mas hoje consistem em performances múltiplas.

Assim, o conceito de masculinidade hegemônica para essa rede de homens se refere a um homem sensível, emotivo, livre de pressões sociais e que não se importa com os julgamentos alheios de suas conquistas, mas valoriza a família em detrimento do trabalho. Constitui-se em um pai presente que cuida de seus filhos, um esposo fiel aos acordos do casamento e que respeita o tempo da esposa em relação ao sexo, não busca por relações extraconjugais, vive uma sexualidade positiva, porque faz uso da autoestimulação consciente e saudável e, com isso, não faz uso de pornografia. Além disso, preocupa-se tanto com o seu prazer quanto com o prazer da esposa, é contrário ao machismo e igualitário na relação com as mulheres.

Esse modelo de homem apresentado pode revelar que a rede analisada utiliza-se de um nicho de mercado, pois explora as necessidades de um grupo, oferecendo serviços e produtos específicos a suas necessidades. Desse modo, torna-se atrativo para o público e também em termos de mercado ao empreendedorismo da página.

Nesse sentido, o discurso dessa plataforma em torno de uma “Masculinidade Saudável” pode-se apresentar muito rentável, visto que esse modelo de masculinidade não é hegemônico no contexto cultural brasileiro, sendo assim, o tema se torna uma oportunidade de mercado na medida em que atende a necessidade de um grupo significativo de seguidores.

Em termos de construção da subjetividade, a proposta de construção de masculinidade transita por ver-se como uma empresa, um produto que deve ser melhorado, deve-se investir em autoconhecimento, assumir riscos nos relacionamentos e lidar com uma forma de minimizar as dores ocasionais pelo machismo.

A proposta de romper com a cultura machista, obviamente agrega benefícios às mulheres, mas o eixo central da plataforma parece ser os benefícios que isso traria ao homem, como não ser o responsável sozinho pelas finanças da casa, por exemplo.

O cunho de empreendimento moral do *Entre eles* tornar-se visível na maneira como selecionam um ideal saudável e tratam como patológicos homens que vivem regras e estilos diferentes do proposto por eles.

A rede de homens que segue essa mídia digital parece ter múltiplas motivações, e as que parecem em maior evidência são aprender lições sobre o sexo, caminhar num território mais próximo das mulheres e participar de um grupo que ofereça apoio emocional.

Os homens que acessam o *Entre eles* parecem apresentar subjetividades que não estão localizadas num modelo global de masculinidade hegemônica, por isso tentam instituir a masculinidade saudável a fim de serem hegemônicos frente a um grupo.

No que se refere às relações de gênero, é relevante mencionar que a procura de homens e mulheres pelas mídias digitais do *Entre eles* envolve uma resolução para as tensões que há na contemporaneidade no relacionamento heterossexual. Isso porque o contexto social e cultural causou inquietações e insatisfações nas relações de gênero, como indicado nos estudos de Illouz (2014), pois as inseguranças emocionais, as frustrações com o sexo e o declínio do amor romântico tem feito com que casais busquem alternativas e negociem afetos, amor e sexualidade.

Portanto, as mídias digitais surgem como uma possibilidade para ampliar o repertório do casal por meio das buscas por plataformas de autoajuda.

De modo geral, esses são os achados da pesquisa, sendo necessários ainda outros estudos em virtude de uma problemática tão ampla como as masculinidades em rede, as mídias digitais e as pedagogias de subjetividades.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A. A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação on-line: uma discussão metodológica. **UNIrevista** (Unisinos, on-line) v.1. 2006.

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. ed. 1. Universidade de Califórnia: 1995.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BECKER, H. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. 2ª. ed. Zahar, Rio de Janeiro: 2008.

BOYD, D. **Sexing the internet** : Reflections on the role of identification in on-line communities. In: Proceedings of Sexualities, medias and Technologies: theorizing old and new practices, Surrey, 2001. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/SexingTheInternet.conference.pdf>. Acesso em 30/07/2022.

FACIOLI, L. R.R. **Conectadas: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das mídias digitais**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6750/5204.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

FREITAS, H. M. R.; CUNHA, M. V. M., JR.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistemas desoftware para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração da USP**, 32(3), 97-109, 1997. Disponível em: http://gianti.ea.ufrgs.br/files/artigos/1997/1997_052_RAUSP_Freitas_Cunha_Moscarola.pdf. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

GROSSI, M. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ILLOUZ, E. **Erotismo de autoayuda: Cincuenta sombras de Grey y El nuevoordenromántico**.Katz.Madrid. 2014.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**: Porto Alegre, 1998.

KOZINETS, R. V. Click to connect netnography and tribal advertising. **Journal of Advertising Research**. 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Vozes. 6ª. ed. Petrópolis-RJ: 1997.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pró-posições**. V.19. Rio Grande do Sul: 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 8ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

MISKOLCI, R.: Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais, São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFSCar, 2013. Projeto de Pesquisa associado à Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, Publicado por **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011, ISSN 1518-0689. Disponível em: Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais-SciELOhttps://www.scielo.br › soc. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L.: Gênero, sexualidade e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Rev. Estud. Fem.** 25 (1) • Jan-Apr 2017.
<<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p263>>Disponível em:<https://www.scielo.br/j/ref/a/s4BmLDfsKHd7DrbxHfJTPqK/?lang=pt>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

MONTEIRO, M. Revistas masculinas e pluralização da masculinidade entre os anos 1960 e 1990. **Rev. Lugar Comum**, nº. 12. 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/2967652/Revistas_masculinas_e_a_pluraliza%C3%A7%C3%A3o_da_masculinidade_entre_os_anos_1960_e_1990. Acesso em 18 de maio de 2021.

PADILHA, Felipe. **O Segredo é a Alma do Negócio: mídias digitais móveis e a gestão do desejo homoerótico** Entre eles na região de São Carlos. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2015a. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7178>>. Acesso em 26 Ago. 2021.

PADILHA, F. & FACIOLI, L. Sociologia digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Rev. Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo: 2018. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2018.54.3.03 Acesso em 18 de maio de 2021.

PARAÍSO, Marluçy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v.17, n.33, p. 206-237, jan./abr.2016.

PELÚCIO, L. M. (2016). Afeto, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivo/sexuais.

Rev. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v.6, n°. 2. São Carlos: 2016. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/526> Acesso em 18 de maio de 2021.

PELÚCIO, L. M. (2020). Um match com os conservadorismos: masculinidades desafiadas nas relações heterossexuais por meios digitais. **Rev. EDUCAÇÃO**, 8(2), 31–46. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n2p31-46> Acesso em 18 de maio de 2021.

PRADO, J. do. **Feminilidades e mídia na cultura contemporânea**: Culto ao corpo, consumo e sexualidade. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2011.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Rev. Estudos Feministas**, v.9. Florianópolis: 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100002 Acesso em 18 de maio de 2021.

SCHARFF, C. The psychic life of neoliberalism: Mapping the contours of entrepreneurial subjectivity. **Theory, culture&society**, v. 33. Sage: 2016

SEDGWICK, E. K. **Between Men**: English literature and male homosocial desire. Columbia University Press. New York: 1985

SILVA, E. L. da.;MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000359&pid=S1413-9936201400030000900024&lng=pt Acesso em: 21 de Maio de 2021.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução a teoria dos currículos. Belo Horizonte, Autêntica: 1999.

SPINK, Peter K. Pesquisa de campo em Psicologia social: uma perspectiva pósconstrucionista. **Psicol.Soc.**, Porto Alegre, v.15. n.2, p.18-42, Dez.

THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. Trad. Andrea Limberto. **Rev. Matrizes** n°. 2: 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/38190-Texto%20do%20artigo-44941-1-10-20120814.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2021.

VAN DIJCK, J. **La Cultura de La Conectividad**: uma historia de lãs redes sociales. 1ª. ed. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.

VARIS, P. Digital ethnography. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 104. Tilburg University.

VIEIRA JUNIOR, L. A. M. A imersão oculta em plataformas on-line: uma experiência antropológica a partir dos estudos de recepção. **Cadernos de Campo** (São Paulo on-line). v.29. USP: 2020.